

Lx41

\*\*\*\*\*

ESTRATEGIAS DE TRADUÇAO DE ALGUMAS EXPRESSOES

REFERENCIAIS DA LINGUA PORTUGUESA PARA A LINGUA TSONGA

DISSERTAÇÃO APRESENTADA EM CUMPRIMENTO  
DOS  
REQUISITOS PARA O GRAU DE LICENCIATURA EM  
L I N G U I S T I C A  
DA  
UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

por

Julieta Machimuassana Langa

Departamento de Letras Modernas  
Faculdade de Letras

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Maputo - Moçambique

1991

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

01255  
L269c 04p

F. LETRAS-U.E.M.	
R. E. 23468	
DATA 7/ Março/ 1995	
ACQUIÇÃO O.D. 12	
COTA 1/T-41	

ERRATA

PAG.	LINHA	ONDE SE LÊ	DEVE LER-SE
21	12	enventos	eventos
31	3	oferecem	oferecessem
38	16	de metonimica	metonimica
43	17	runião	reunião
47	23	originalmente	originariamente
50	1	de presente	presente
52	20	o termo equivalente	a expressão equivalente
62	13	realiza-se	realizam-se
77	4	pemitir	permitir
80	20	marcamente	marcadamente
81	22	kutsekatkesisa	kutsekatsekisa
82	14	tsinha	tshinya
84	6	transalation	translation

#### DECLARACAO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para obtenção de qualquer grau e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

## AGRADECIMENTOS

Desejo exprimir os meus mais sinceros agradecimentos a todos quantos comigo colaboraram, para a concretização do projecto da desta dissertação, nomeadamente:

Ao Doutor John Heins, meu professor de teoria da tradução e supervisor principal deste trabalho.

Ao Professor Félix Khosa, meu professor de língua tsonga, também supervisor da dissertação.

Ao Professor Doutor William James Humbane, por todos os conselhos de ordem metodológica e pela leitura meticulosa dos esboços do texto.

Ao professor Doutor Armando Jorge P. Lopes, pela orientação que deu aquando da elaboração do projecto inicial da dissertação.

Ao Professor Doutor Carl James da Universidade de Bangor, Reino Unido, pela apreciação e reorientação do projecto inicial do trabalho.

Ao Professor Doutor Tony D. Evans da Universidade de Birmingham, pelas observações que fez ao esboço do projecto da dissertação.

À Doutora Inês Beatriz F. Machungo, pelo seu empenho pessoal na abertura do curso de licenciatura especial em linguística para antigos bacharéis.

À direcção da faculdade de letras, especialmente ao Professor Doutor Manuel G. de Araújo, por ter concedido o máximo de tempo possível para que me dedicasse melhor ao estudo e à redacção desta dissertação.

A direcção do Instituto de Comunicação Social e à direcção da Rádio Moçambique, por todas as facilidades concedidas para contactos e recolha de dados.

A todos os tradutores-locutores do Instituto de Comunicação Social e do Emissor Interprovincial de Maputo-Gaza, por toda a colaboração prestada.

A Fundação Friedrich Ebert, através do seu projecto INDER (Informação Para o Desenvolvimento Rural), pelo apoio financeiro concedido, sem o qual teria sido difícil apresentar o trabalho escrito.

Ao meu marido, por todo o carinho, apoio e ajuda redobrados ao longo de todo o tempo de estudo e de preparação desta dissertação.

Aos meus Pais e aos meus irmãos, pela vontade de ajudar que sempre demonstraram.

Aos colegas e amigos Maria João Carrilho Diniz, Maria Paula Menezes, Rosa Enosse e Arlindo Sitei, pela força das suas palavras de encorajamento.

Ao Centro de Cálculo da faculdade de economia desta universidade, pelas facilidades concedidas na utilização das suas instalações e equipamento.

A todos os colegas e trabalhadores da faculdade de letras sem excepção.

" A tshinya a li vulavuliwi. Leswi swi  
vulavuliwaka hi leswi swi vevukaka, swinga  
henhla" hi hantlaka hi swi kuma."

(Gonçalo Ngoca. 1990. Comunicação pessoal.)

(lit: A raiz não é falada, as coisas que são faladas são  
aquelas que são leves, que estão à superfície, que nós  
compreendemos de imediato.)

## SUMÁRIO

O estudo que a seguir se apresenta, tem como objectivo descrever e analisar a tradução de expressões referenciais da língua portuguesa para a língua tsonga, tendo como base um "corpus" de quarenta(40) palavras e expressões seleccionadas de textos de noticiários radiodifundidos pelo Emissor Interprovincial de Maputo-Gaza da Rádio Moçambique e do programa "Aldeia Comunal" do Instituto de Comunicação Social, também radiodifundido pelo mesmo emissor.

O texto da dissertação compreende cinco(5) capítulos:

O capítulo I constitui a introdução geral do trabalho.

O capítulo II apresenta a revisão da literatura sobre as bases teóricas e procedimentos na tradução.

No capítulo III apresentam-se os métodos de pesquisa utilizados na recolha, selecção e análise dos dados.

No capítulo IV procede-se à descrição e análise dos mecanismos e das estratégias de transferência do significado da língua portuguesa para a língua tsonga, com base nas propostas de tradução fornecidas pelos informantes.

No capítulo V apresentam-se as conclusões a que a investigação conduziu em ligação com os objectivos da dissertação, as hipóteses avançadas no capítulo III e as bases teóricas apresentadas no capítulo II.

## INDICE

CAPITULO I.....	1
INTRODUÇÃO.....	1
1.1.Motivação e significância do estudo.....	3
1.2.Delimitação do assunto e objectivos da investigacao.....	4
1.3.Metodologia de investigacao.....	5
1.3.1.Recolha de dados.....	5
1.3.2.Selecção de dados.....	6
1.3.3.Selecção de informantes.....	6
capitulo II.....	8
REVISAO DA LITERATURA.....	8
1.1.0 papel da tradução e sua importância para as estruturas governamentais em Moçambique.....	8
1.2.Sobre o conceito de tradução.....	10
1.3.Os diferentes tipos de tradução.....	11
1.3.1.A tradução baseada na forma e a tradução baseada no sentido.....	11
1.3.2.A tradução livre.....	13
1.3.3.Qualidades de uma tradução.....	13
2.1.Sobre a tradução de traços formais.....	14

2.1.1.A comparação fonológica.....	15
2.1.2.A comparação morfológica e sintáctica.....	15
2.1.3.A comparação lexical.....	16
2.2.Alguns aspectos da tradução de traços semânticos.....	18
2.2.1.A análise semântica.....	19
2.2.2.Como traduzir conceitos.....	22
3.1.As estatégias de comunicação na tradução entre línguas.....	24
3.2.SUMARIO.....	28
 CAPITULO III.....	29
METODOS DE PESQUISA.....	29
 1.1.Métodos de elicitación de informação.....	29
1.2.Teste de retroversão.....	30
1.3.Método de elicitación de dados.....	30
1.4.Recolha de informação sobre a língua portuguesa e tsonga.....	31
1.5.1.Resultados do inquérito.....	31
1.5.2.Resultados da avaliação das propostas de tradução.....	32
1.6.Avaliação do trabalho com os informantes.....	33

CAPITULO IV.....	34
ANALISE DE DADOS.....	34
1.1. Descrição e análise das propostas de tradução...	34
1.A. Termos cuja componente central é LUGAR.....	34
1.B. Termos cuja componente central é PESSOA.....	34
1.C. Termos cuja componente central é	
REUNIAO/CONVERSACAO.....	47
1.D. Termos cuja componente central é DESOBEDIÊNCIA...	50
1.E. Pares que estabelecem entre si uma relação	
de OPOSIÇÃO.....	53
1.F. Termos cuja componente central é	
DESENTENDIMENTO.....	56
1.G. Termos analisados isoladamente.....	57
1.2. Descrição e análise das propostas	
de tradução de 32 a 40.....	63
1.3. SUMARIO.....	76
CAPITULO V.....	78
CONCLUSAO.....	78
1.1. Conclusões gerais.....	78
1.2. Sobre as estratégias aplicadas na tradução.....	79
1.3. Considerações sobre a equivalência lexical	
semântica.....	81
1.4. Sobre a utilização de nomes abstractos.....	82
2.1. Recomendações e sugestões.....	83

ANEXO I .....	86
ANEXO II .....	88
ANEXO III .....	89
ANEXO IV .....	92
BIBLIOGRAFIA .....	94

#### INDICE DAS ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 .....	21
QUADRO 2 .....	45
QUADRO 3 .....	53

## ABREVIATURAS E SIMBOLOS

LA	- Língua Alvo
LF	- Língua Fonte
LA > LF	- Da língua alvo para a língua fonte
LF > LA	- Da língua fonte para a língua alvo
Português>tsonga	- Do português para o tsonga
Tsonga>Português	- Do tsonga para o português
C1...Cn	- Contexto1...Contexton
RM	- Rádio Moçambique
I.C.S.	- Instituto de Comunicação Social
E.I.M.G.	- Emissor Interprovincial de Maputo e Gaza
i.e.	- Isto é
(lit:...)	- Tradução/significado literal
=	- Equivalente a

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

A utilização das línguas moçambicanas nos meios de comunicação de massas em Moçambique apresenta dificuldades de vária ordem e grandeza, algumas das quais poderão talvez ser explicadas através de um quadro sociolinguístico do bilinguismo, situação esta onde reside uma considerável parte dos problemas de tradução.

A língua portuguesa em Moçambique é a língua oficial, do ensino, da administração pública, do contacto com o exterior e veículo de um determinado tipo de comunicação entre falantes de diferentes línguas moçambicanas.

As línguas nacionais são utilizadas no contacto diário entre moçambicanos de uma mesma comunidade linguística e no meio familiar, servindo também a transmissão e a perservação da cultura. É de salientar que a maioria das emissões radiofónicas, no País, se realiza nestas línguas.

Pelo que nos é dado a observar, a aprendizagem da língua portuguesa realiza-se formalmente na maior parte dos casos e, é através desta que a quase totalidade de moçambicanos bilingues-falantes do português e de outra(s) língua(s) nacional(s) exprime com maior facilidade certos conceitos técnicos científicos, e outros que a experiência humana actual impõe.

As línguas Moçambicanas ainda são aprendidas de forma natural<sup>1</sup> e, é por via destas que os membros das diferentes comunidades linguístico-culturais Moçambicanas, tomam o seu primeiro contacto com o mundo, a sociedade e os seus valores.

Na língua tsonga, observa-se uma carência relativamente grande de termos e expressões que possam servir de equivalentes na tradução português-língua fonte (LF) para tsonga-língua alvo (LA). Tais termos e expressões intervêm na nomeação de situações, instituições, etc. que fazem parte da vida e da linguagem política, económica, técnica científica, social e cultural contemporâneas.

Dentre todos os órgãos de comunicação do nosso País a Rádio Moçambique (R.M.) parece-nos ser o que maior alcance tem e, conseqüentemente, a sua responsabilidade na difusão de programas informativos e formativos em línguas nacionais deve também ser maior.

Actualmente, os tradutores-locutores do Emissor Interprovincial de Maputo e Gaza (EIMG) da RM e do programa "Aldeia Comunal" do Instituto de Comunicação Social (ICS) confrontam-se com o problema de equivalência na tradução português-tsonga, talvez porque as "necessidades de informação" não podem ainda ser satisfeitas com o limitado repertório verbal que as nossas línguas oferecem na sua globalidade.

---

<sup>1</sup>Confronte-se o conceito de "aprendizagem natural" com o de "natural acquisition" de Wolfgang Klein (1986:4): Second Language Acquisition, Cambridge textbooks in Linguistics, Cambridge University Press, Cambridge.

### 1.1 MOTIVAÇÃO E SIGNIFICÂNCIA DO ESTUDO

Na situação de tradução português-Tsonga colocam-se muitos problemas devido às diferenças formais e culturais. Falantes bilíngues de tsonga L1 e português L2 têm vindo a observar que nas emissões da RM, concretamente, nas do EIMG, programas informativos e formativos, são por vezes de difícil compreensão, o que leva alguns ouvintes a preferirem os períodos de emissão em língua portuguesa.

Supõe-se que os problemas de compreensão da mensagem e a sua falta de naturalidade provenham do desconhecimento de técnicas de tradução, por um lado e, por outro, de um domínio ainda longe do ideal da língua tsonga.

Escutando-se os programas que a RM põe no ar em língua tsonga, é possível perceber que os tradutores utilizam certo tipo de técnicas e estratégias de comunicação para levar a mensagem ao ouvinte. A aplicação dessas técnicas e estratégias ainda não produz resultados satisfatórios daí as críticas e comentários sobre a "língua" utilizada.

## 1.2 Delimitação do assunto e objectivos da investigação

Partindo do princípio de que todas as línguas naturais estão capacitadas para exprimir qualquer realidade, propomos-nos, neste trabalho, a pesquisar a problemática de equivalência de algumas expressões referenciais<sup>2</sup> bem como as estratégias que são aplicadas no processo de tradução da língua portuguesa para a língua tsonga. Pressupomos que os factores de dificuldade na tradução não são apenas de carácter linguístico mas que haverá uma intervenção importante de factores extra-linguísticos. Conjugando os dois tipos de factores na análise do processo de tradução é um meio que pode ajudar a encontrar equivalentes nestas duas línguas que se distinguem em muitos aspectos formais e culturais, permitindo decidir se uma determinada tradução é natural e dinâmica. Com este trabalho, pretendemos dar uma contribuição para a melhoria e maior eficiência da comunicação entre a rádio e o público-ouvinte, tanto do meio rural como do meio urbano.

---

<sup>2</sup>De acordo com James R. Hurford & Brendan Heasley (1983: 57-58), expressões referenciais são palavras ou expressões usadas para referir qualquer entidade do mundo real ou imaginário.

As conclusões que daqui se vão tirar, constituirão elementos úteis para todos aqueles que, directa ou indirectamente, estão em contacto com diferentes grupos populacionais falantes não só do tsonga, mas também de outras línguas moçambicanas, na realização dos vários projectos de desenvolvimento, principalmente os investigadores e planificadores da educação no contexto bilingue de Moçambique.

### 1.3. Metodologia de trabalho

#### 1.3.1. Recolha de dados

Os textos para a pesquisa foram recolhidos de duas instituições que no seu dia a dia lidam com a língua portuguesa e a língua tsonga- o ICS e a RM, concretamente, o EIMG.

Destas duas instituições recolhemos os textos escritos na versão original em língua portuguesa e na versão traduzida em tsonga. Não fizemos nenhum trabalho de recolha das gravações, pois o nosso enfoque é ao nível da elaboração ou produção dos textos destinados à radiodifusão.

### 1.3.2. Seleccção de dados

Dos textos recolhidos no EIMG da Rádio Moçambique e do programa "Aldeia Comunal" do ICS, seleccionamos para estudo aquelas expressões referenciais que, da comparação prévia entre o texto original e o texto traduzido, apresentam problemas de tradução.

### 1.3.3. Seleccção de informantes

Os nossos informantes são jornalistas, profissionais de radiodifusão da RM e do ICS. Constituíram também, informantes os membros do núcleo alargado da língua tsonga da Rádio, recentemente constituído<sup>3</sup>, que congrega não só os locutores-tradutores da RM e do ICS, mas também pessoas singulares interessadas no estudo e desenvolvimento da língua tsonga e na melhoria da qualidade dos programas nesta mesma língua.

Assim, tivemos à nossa disposição naquele emissor cinco (5) locutores-tradutores. No ICS trabalhamos com dois (2) tradutores-locutores.

A característica geral dos nossos informantes é serem todos falantes de tsonga-L1 e de português-L2, adquirida através do processo normal de escolarização.

---

<sup>3</sup>O núcleo alargado da língua tsonga na RM foi oficialmente constituído a 30 de Agosto de 1990.

Possuem um dominio da língua e cultura tsonga para os contactos familiares do quotidiano e afirmam ter uma certa dificuldade quando a comunicação exige uma linguagem mais técnica. Todos eles não tiveram acesso a uma escolarização em língua tsonga. A escolarização em português permite-lhes uma movimentação relativamente mais fácil dentro da língua portuguesa.

## CAPÍTULO II

### REVISÃO DA LITERATURA

#### 1.1. O PAPEL DA TRADUÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA PARA AS ESTRUTURAS GOVERNAMENTAIS EM MOÇAMBIQUE

"Num País caracterizado por multilinguismo como o caso do nosso, os meios de comunicação social têm um papel muito importante a desempenhar, no esforço de levar a todos os cidadãos utentes das diferentes línguas as dimensões geográfica e diversidade social, cultural, política, económica, etc. do País. Mas por outro lado, os meios de comunicação social não podem funcionar sem o uso da palavra."<sup>1</sup>

Uma análise mesmo que superficial dos dados estatísticos sobre falantes das diferentes línguas moçambicanas leva-nos à conclusão de que a situação linguística do país se caracteriza por um desequilíbrio muito grande entre o número de falantes da língua portuguesa e de falantes das diferentes línguas locais.

Os dados gerais do I Recenseamento Geral da População, realizado em Agosto de 1980, revelam que apenas 24,4%<sup>2</sup> da população fala a língua portuguesa.

---

<sup>1</sup>Armindo Ngunga. (1991): "O papel das línguas nos meios de comunicação social". Documentos do I Seminário Internacional sobre Comunicação para o Desenvolvimento, Ministério da Informação, Moçambique.

<sup>2</sup>Desta percentagem, apenas 1,2% tem a língua portuguesa como língua nativa. Dados extraídos do relatório do I Recenseamento Geral da População, (1980). Comissão Nacional do Plano.



Apesar de ter sido definida como a oficial, a língua portuguesa ainda não atingiu um nível de divulgação satisfatório, por um lado e, por outro, ainda não foi apresentada uma política linguística que determine o tipo de equilíbrio entre esta língua e as locais. Esta questão constitui, por si só, um grande entrave para todos os projectos de desenvolvimento, os quais são concebidos e planificados na base da língua portuguesa, criando deste modo uma barreira na comunicação com os grupos-alvo dos projectos acima referidos.

Sendo a língua o elemento chave no relacionamento entre os homens, onde não há um meio comum que permita a comunicação, a tradução deverá intervir, como instrumento de mediação interlinguística, na transmissão e troca de informações. A importância da tradução e o seu papel na sociedade moçambicana devem passar da discussão meramente académica, para objecto de uma reflexão necessária ao nível das estruturas que detêm o poder. Isto equivale a dizer que:

" Na prática, as línguas locais desempenham um papel fulcral no processo de desenvolvimento na base, ali onde não é possível uma comunicação na língua oficial. A limitação do seu papel a este nível pode ... acarretar graves consequências sociais e políticas.<sup>3</sup>"

---

3 Hélène Marinis (1982): " Língua, Poder e Desenvolvimento". NELIMO, UEM, Maputo, p. 4.

## 1.2. SOBRE O CONCEITO DE TRADUÇÃO

O conceito de tradução é assumido de maneiras muito diferentes, por vários estudiosos do assunto, de acordo com o campo específico de investigação a que se dedicam.

Ladmiral (1979: 15) define a noção de tradução como sendo um caso particular de convergência linguística, designando, no seu sentido mais amplo, qualquer tipo de mediação interlinguística que permita transmitir informações entre locutores de línguas diferentes. Considera ainda que a tradução não só faz passar a mensagem de uma língua de partida ou língua fonte (LF) para uma língua de chegada ou língua alvo (LA), como também designa, ao mesmo tempo, a prática traduzinte, a actividade do tradutor e o texto alvo em si.

Mounin (1963:4-5) assume o conceito de tradução como um facto do bilinguismo que deriva do contacto entre línguas.

Para Barnwell (1979: 7) o acto de traduzir consiste em transmitir o significado exacto de uma mensagem original, usando-se a construção gramatical e as expressões idiomáticas que são naturais na língua receptora.

Segundo Larson (1984:3) a tradução baseia-se na transferência do significado da LF para a LA. Esta transferência é feita a partir da forma da primeira língua para a forma da segunda, por via da estrutura Semântica. Beekman & Callow (1974: 19) apresentam uma definição por negação. Assim, eles afirmam que repetir uma mensagem, utilizando-se sistemas de simbolização dentro duma mesma língua, não é tradução. O processo de tradução estará presente sempre que a mensagem duma dada língua for comunicada noutra.

### 1.3. OS DIFERENTES TIPOS DE TRADUÇÃO.

#### 1.3.1. A tradução baseada na forma e a tradução baseada no significado.

Qualquer palavra, expressão ou texto compõe-se de duas partes essenciais: A forma e o significado. Estas duas componentes vão determinar a existência de dois tipos fundamentais de tradução:

- A tradução baseada na forma, e
- A tradução baseada no significado.

A tradução que se baseia na forma é geralmente chamada de literal e aquela que se baseia no significado, de tradução idiomática. O primeiro tipo resulta, muitas vezes, incompreensível porque, incidindo na forma, deixa de considerar as diferenças entre a gramática da língua fonte e a da língua alvo. O seu objectivo é apenas dar o equivalente de cada palavra. Contudo, ela é útil se se pretende reproduzir traços da LF para estudos linguísticos.

Outro tipo de tradução literal que, segundo Wieseemann (1986:4), nem sempre produz resultados satisfatórios, em termos de adequação da forma à LA, é a tradução literal adaptada. Ela é assim chamada por obrigar o tradutor a recorrer a adaptações. O produto será um texto que conserva, tanto quanto possível, a forma da língua-fonte, privilegiando a intenção do autor e o conteúdo semântico.

Larson<sup>4</sup> considera a tradução literal adaptada pouco comunicativa na língua alvo porque a mudança dos traços gramaticais só se faz quando obrigatória.

<sup>4</sup> Mildred M. Larson (1984): Meaning-Based Translation: Languages to cross Language Equivalence. University Press of America Inc. & Summer Institute of Linguistics, U.S.A.

Sempre que se apresenta uma possibilidade de escolha o tradutor seguirá a forma da língua fonte, mesmo havendo formas mais naturais na língua alvo.

O segundo tipo de tradução que é considerado como o mais adequado e o mais comunicativo é a tradução idiomática que, como a define Wieseemann<sup>5</sup>, consiste em transferir toda a mensagem para a língua alvo de modo que a tradução esteja num estilo tão natural quanto possível, adequado às estruturas gramaticais da LA.

---

<sup>5</sup> Ursule Wieseemann (1986): Manuel de Sémantique et de Traduction. SIL, Yauondé.

CA

A tradução idiomática, comunicativa ou dinâmica pressupõe que se dê, sempre que necessário, um novo arranjo às frases, que se reduzam ou aumentem relativamente à LF.

Larson diz que uma tradução idiomática deve parecer um original. A "ilusão" deve-se ao facto de se usarem as formas naturais, tanto nas construções gramaticais como na escolha dos itens lexicais exigidos pela língua fonte. Uma observação importante feita por Larson refere-se ao facto de que "translations are often a mixture of a literal transfer of the gramatical units along with some idiomatic translation of the meaning of the text. Is not easy to consistently translate idiomatically"<sup>6</sup>

### 1.3.2. A tradução livre

A tradução deve ser concebida como um continuum que vai desde a forma mais literal até à tradução livre. A tradução livre é muito contestada, enquanto representação do texto original por nela se observarem acréscimos e reduções de informação relativamente ao original, mudam-se significados e se distorcem factos históricos e culturais.

### 1.3.3. Qualidades de uma tradução

Vários estudiosos concordam na caracterização de uma boa tradução da base dos seguintes critérios.

#### i) Fidelidade

O texto traduzido deve, tanto quanto possível, comunicar os mesmos significados contidos no texto original e ser compreendido da mesma maneira tanto pelos utentes da língua fonte, como pelos utentes da língua alvo.

---

<sup>6</sup>Mildred M. Larson, op. cit. pp.16-17

ii) Naturalidade

No texto traduzido o significado deve ser veiculado por construções gramaticais e léxico o mais natural possível adequados à LA, i.e., aos olhos do leitor/ouvinte a tradução deve parecer um original.

iii) Dinamismo

O texto traduzido deve produzir nos utentes da LA, o mesmo impacto que o original teve nos utentes da LF.

Estas características estão bastante sintetizadas contudo, podem ser feitas algumas observações na base de que não se deve abandonar totalmente as formas da LF sem se negar com isso que a harmonia entre a forma e o significado é necessária.

Headland(1982) referindo-se ao dinamismo que se deve imprimir a uma tradução, observa que mesmo que não houvesse instâncias ou especialistas para verificação de traduções, o sentido de reverência, faz-nos lutar por manter uma aproximação ao texto original ao mesmo tempo que tentamos evitar a tradução de "correspondência formal" sem sentido.

## 2.1 SOBRE A TRADUÇÃO DE TRAÇOS FORMAIS

No processo de tradução os maiores problemas que se nos apresentam são os linguísticos. Na opinião de Nida<sup>7</sup> a língua é parte de uma cultura mas a tradução de uma língua para outra apresenta características especiais de ambas.

---

<sup>7</sup>Eugene Nida, in Dell Hymes (1964:97) "Linguistics and Ethnology in Translation Problems." in Dell Hymes, (Editor), (1964:99-100)

Partindo da constatação já feita por vários estudiosos de que cada língua tem a sua própria divisão em classes como nomes, adjectivos e outros, e que as classes e subclasses gramaticais variam de língua para língua, Larson afirma que nem sempre será possível traduzir um nome de uma língua com um nome de outra. Temos a título de exemplo as línguas Indo-Europeias as quais contêm muitos nomes gramaticais que, na realidade, se referem a acções.

As diferenças que existem entre as línguas e os resultados das adaptações a serem feitas, exactamente por causa de tais diferenças são melhor tratadas do ponto de vista fonológico, morfológico, sintáctico e lexical<sup>8</sup>.

#### 2.1.1. A comparação fonológica

A comparação fonológica entre a LF e a LA é importante quando se tem que proceder à transliteração de nomes próprios e, se isso for feito científica e consistentemente será possível reconhecer uma equivalência aproximada entre os sons das duas línguas:

O passo seguinte será o de verificar se uma vez feita a transliteração não são homófonas ou quase, em relação a alguma palavra da língua alvo.

#### 2.1.2. A comparação Morfológica e Sintáctica

Do ponto de vista morfológico e sintático as línguas variam bastante. Nem sempre será possível encontrar o mesmo tipo de categorias tanto obrigatórias como opcionais.

---

<sup>8</sup> Eugene Nida, op. cit., p.96

Na língua tsonga, por exemplo existem as chamadas classes nominais que são o conjunto de palavras que se referem ou exibem uma série particular de concordância. Essas classes são representadas por prefixos nominais - factor dominante de toda a estrutura da frase e constituem a base de todo o sistema de concordância.

O género gramatical em tsonga, não encerra a ideia de sexo como acontece em português mas apenas a noção de singular e plural. Os prefixos de classes são os indicadores das noções acima referidas enquanto que em português, regra geral, a formação do plural e do feminino das palavras é feita por meio de sufixação.

Em português existe a classe de palavras designada por artigo que, geralmente se antepõe aos substantivos determinando-lhes o número e o género. Em tsonga esta classe não existe formalmente.

As partículas que ocorrem antes dos nomes poderão parecer artigos, numa comparação superficial com o português, mas têm apenas um valor eufónico.

### 2.1.3. A comparação lexical

Quando se fala da estrutura lexical, refere-se a dois traços que existem em todas as línguas mas são aplicadas ao vocabulário de cada uma de maneira diferente. Tais traços são os complexos de componentes de sentido e a perspectiva semântica podendo ser explicados como:

- i) O número e a selecção de componentes de sentido combinados numa palavra e,
- ii) As interrelações semânticas que podem existir entre as diferentes palavras.

As línguas diferem umas das outras na forma como estes dois traços são utilizados na estrutura do seu vocabulário.

Assim, o tradutor nunca pode "a priori" esperar que a tradução de conceitos do texto original seja representada da mesma maneira no texto alvo.

Dado que as estruturas lexicais diferem, também a maneira como esses conceitos são simbolizados irá diferir.

Nida<sup>9</sup> refere que os maiores problemas de equivalência e adaptação entre línguas se reflectem com maior peso no sistema lexical.

Ele recorda que a área de sentido de uma palavra numa língua nunca é completamente idêntica a áreas de sentido numa palavra similar.

Quando no processo de tradução intervém uma língua que tenha vocabulário limitado surgirão problemas de expressão de certas "nuances" de significado.

Tomando ainda as posições de Nida, podemos afirmar que as combinações de palavras trazem muito mais dificuldades do que a tradução de palavras individuais. Ele aconselha que se faça um estudo da língua em uso para se poder traduzir correctamente.

Não descurando a etimologia, julga ser de primordial interesse o estudo de cada palavra na base de como os falantes nativos a usam e não como o investigador pensa que deva ser usada. As situações de comunicação em que as palavras ocorrem devem ser consideradas não só em si, mas também em termos do fenómeno linguístico e extra-linguístico. Para Nida o fenómeno linguístico inclui as classes às quais a palavra pertence enquanto que o extra-linguístico inclui os factores que definem a significância da palavra na estrutura social.

---

<sup>9</sup> Eugene Nida, op. cit., p.4

## 2.2. ALGUNS ASPECTOS DA TRADUÇÃO DE TRAÇOS SEMÂNTICOS.

Uma palavra comporta em si um complexo de significados ou seja componentes de significado. Estas componentes devem ser cuidadosamente analisadas, na língua fonte, antes de serem traduzidas para a língua alvo.

Segundo Larson (1984:55) este processo de análise visa pôr a descoberto o significado representado pela forma lexical.

As línguas combinam os significados de maneira diferente, razão que explica a existência de muitas palavras para as quais não há um equivalente directo na língua alvo.

Beekman & Callow (1974:25-32) sobre este assunto, adiantam que no processo de tradução entre línguas haverá sempre necessidade de se adequar a estrutura gramatical da língua fonte à da língua alvo, assumindo o princípio de que as línguas diferem não só na sua estrutura gramatical mas também na estrutura lexical. Eles criticam a posição de que a tarefa principal do tradutor seja a de estabelecer uma equivalência entre as palavras com o mesmo significado, pois isso leva a crer que as línguas, onde quer que sejam faladas, partilham dos mesmos conceitos e que as áreas específicas da experiência humana podem ser expressas pelo léxico de cada uma das línguas naturais. Contudo, Beekman & Callow<sup>10</sup> aceitam que existe um vasto número de conceitos partilhados entre as línguas mas uma equivalência completa e absoluta não pode nunca ser atingida.

Larson concorda que não há uma equivalência absoluta. Como argumento, apresenta o facto de as comunidades humanas não possuírem as mesmas ideias e, conseqüentemente conceptualizarem a realidade de maneiras diferentes.

<sup>10</sup> John Beekman & John Callow (1974): Translating The Word of God. MI: Zondervan.

Cada comunidade humana lexicaliza os conceitos dos modos mais variados tanto quanto divergem as línguas. O mesmo se verifica com os fenómenos físicos e sociais os quais, também, diferem de comunidade para comunidade, dando lugar a diferentes designações ou palavras.

#### 2.2.1. A Análise Semântica

"Translation... consists of studying the lexicon, grammatical structure, communication situation, and determine it's meaning using the lexicon and structure which are appropriate in the RECEPTOR LANGUAGE and its cultural context".<sup>11</sup>

Esta definição de Larson apresenta um dos mais importantes objectivos do tradutor e as vias para se atingirem: Partindo da forma, deve-se descobrir o significado.

A forma deve ser perspectivada como o nível onde se situam as estruturas gramatical, lexical e fonológica.

A estrutura semântica é o nível do significado e é aqui onde reside a semelhança entre as diferentes línguas, enquanto que ao nível da estrutura formal a variação vai quase até ao infinito.

---

<sup>11</sup>Mildred Larson, op. cit., p.3. Sublinhado do autor.

Sendo assim, para a comparação entre línguas é possível seleccionar o "tertius comparationes"<sup>12</sup> dentre as categorias e traços semânticos, se concordarmos que "there exists a universal set of semantic features, of which every languages possesses a subset" (Leech:1974:233)

Taber (1980) define o significado como sendo uma entidade estruturada, analisável e representável constituindo uma inter-relação entre unidades semânticas e de relações entre estas. A estrutura semântica apresenta-se numa ordem diferente da estrutura formal. Dado que a estrutura semântica é mais universal, um modelo de tradução nunca se pode basear apenas nas correspondências ao nível da forma.

A análise gramatical comparativa poderá demonstrar que há uma diversidade nos géneros de significação que uma gramática reúne em si: em certas línguas a categoria de nome inclui não só pessoas, animais e objectos, mas também noções abstractas que designam qualidades e acções.

---

12 Segundo Carl James(1980:90-91) " tertius comparationes" é uma constante que serve de base em estudos interlingues.

Com este fenómeno, cria-se a necessidade de se reconhecer três espécies semânticas de termos:<sup>13</sup>

- dos objectos;
- das acções; e
- das abstracções.

Para Larson, todas as línguas possuem e são analisáveis por meio de componentes de significado, recebendo uma classificação semântica que tem correspondência com classes gramaticais:

Coisas	Nomes, pronomes
Enventos	Verbos
Atributos	Adjectivos, Adverbios
Relações	Conjunções, preposições,
Partículas	etc.
Categorias semânticas	Categorias Formais

Quadro I

<sup>13</sup>Classificação semântica de Taber (1980: 92-93) aplicada à língua francesa.

Na estrutura semântica, a unidade mínima é a componente de significado que, em agrupamento com outras, concorre para a formação de conceitos. Estes, por sua vez, relacionam-se uns com os outros para formar proposições semânticas. O evento, a coisa ou atributo que predominem num agrupamento de componentes, seja no conceito ou na proposição, determinam a componente central, tendo as restantes a designação de secundárias.

### 2.2.2. Como traduzir conceitos

O conceito deve ser entendido não como forma, mas como conteúdo significativo. Na perspectiva de Larson, é uma unidade de sentido reconhecível em qualquer língua e possível de se decompor num dado número de componentes de sentido ou segmentos de informação.

Barnwell (1980:141) refere que um conceito é geralmente representado por um morfema, uma palavra, expressão idiomática, tom ou certo tipo de ordem das palavras; pode ser identificado com base no princípio de contraste e comparação dentro do sistema da língua em estudo.

Cada conceito é, pois, associado a uma área específica de significado distinto da de outros conceitos de língua. A sua função é referir-se a áreas específicas de significado.

O problema comum na tradução de conceitos é a dificuldade de se encontrar um equivalente exacto entre os termos da língua fonte e os da língua alvo. Haverá palavras que possuem algumas componentes de significado combinadas em si, equivalendo a uma palavra que contém essas componentes e mais outras adicionadas. Poderá haver sobreposição de componentes, mas não encontraremos uma equivalência absoluta. Por esta razão, muitas vezes, é necessário traduzir uma palavra da língua fonte por várias da língua alvo de modo a dar o mesmo significado. O contrário também é possível. Na análise de uma palavra é necessário distinguir o conceito central e de que maneira está delimitado. Poder-se-á traduzir o conceito com uma palavra da língua alvo, equivalendo ao conceito central e usar um sintagma para se acrescentar mais informação que defina e restrinja o significado.

### 3.1 AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO NA TRADUÇÃO ENTRE LÍNGUAS

As técnicas acima apresentadas para a tradução de conceitos nem sempre conseguem satisfazer o objectivo comunicativo porque os conceitos das línguas não podem, em muitos casos ser equivalentes sem que se recorra aos contextos. Julgamos que se se concentrar a atenção da tradução à forma e ao contexto da LF, obter-se-á uma tradução literal adaptada, ao passo que uma comparação que tenha também em atenção os factores extra-linguísticos que condicionam as expressões da LA irá produzir um texto mais natural e mais dinâmico. Para se conseguir tal resultado, certo tipo de estratégias, de acordo com o problema de comunicação que se apresente terá que ser posto em prática.

O conceito estratégia vem sendo largamente usado e discutido no campo do ensino e aprendizagem de uma L2 e LE. É assim que se chegou à conclusão de que aprendentes de uma L2 utilizam estratégias de aprendizagem na sua tentativa de aplicar o material linguístico de que dispõem, na interação com falantes nativos, num discurso espontâneo.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> S. Pit Corder (1984): "Strategies of Communication." In Claus Faerch & Gabrielle Kasper, (Editor) (1984), p.p 15-19

Faerch & Kasper (1984:36) sistematizam a noção de estratégias de comunicação definindo-a como sendo planos potencialmente conscientes para resolver problemas que se apresentam como tal a um indivíduo na tentativa de atingir um objectivo comunicativo.

No processo de tradução, o objectivo é identificar equivalentes que permitam transmitir fiel, objectiva e claramente a mensagem da LF na LA. Porque, como vimos anteriormente, nem sempre será possível estabelecer uma correspondência exacta entre um item da LF com um item tanto formal como semântica, o tradutor é obrigado a recorrer a certo tipo de estratégia para obter uma equivalência o mais aproximado possível entre os significados das duas línguas.

A tradução, enquanto actividade, envolve técnicas estabelecidas por estudiosos que se têm debruçado sobre os problemas mais frequentes na comunicação interlíngua. Essas técnicas não são mais que estratégias para solucionar as dificuldades que se colocam ao tradutor, causados geralmente por:

- i) A diferença entre os sistemas das línguas, e
- ii) A diferença cultural entre as duas línguas.

Quando se verificam as diferenças apontadas em i) e ii), estaremos perante uma situação que nos obriga à comparação entre as línguas em estudo em termos da comunhão ou não-comunhão de conceitos e ideias e dos processos de lexicalização desses conceitos.

Se as línguas partilham dos mesmos conceitos a principal tarefa do tradutor será a de verificar a correspondência das componentes de sentido: o número e a selecção de componentes, e adoptar as estratégias mais adequadas que, para este caso, normalmente são:

- A utilização de um sintagma descritivo;
- A utilização alternada de termos relacionados;
- A utilização alternada de termos da LF ou da LA, ou de palavras ora genéricas, ora específicas;
- etc.

Contudo, os maiores problemas colocam-se quando um conceito específico da LF é desconhecido na LA ou se se perdeu no decorrer do tempo. Beekman & Callow<sup>15</sup> propõem que o tradutor aborde o problema de três maneiras:

1. Estabelecer equivalência pela modificação duma palavra genérica;
2. Estabelecer equivalência utilizando-se palavras emprestadas ou seja, neologismos lexicais; e
3. Estabelecer equivalência através de um substituto cultural ou seja, neologismo semântico.

Sobre as três estratégias, acima apresentadas, eles afirmam que a aplicação das duas primeiras possibilidades envolvem certas modificações descritivas.

---

<sup>15</sup> John Beekman & John Callow, op. cit.

Quando se modifica um termo genérico ou um termo emprestado deve-se ter o cuidado de as componentes de sentido veiculadas implicitamente pelo termo a traduzir, como parte do significado no seu todo, serem devidamente explicitadas de modo apropriado ao contexto.

A modificação descritiva do termo genérico ou do termo emprestado pode assumir a forma de:

i) Descrição da forma, da coisa acontecimento ou ainda da sua função; e

ii) Descrição comparativa ou classificativa.

As modificações descritivas aplicam-se às componentes de sentido que são acrescentadas a um termo genérico ou a um termo emprestado.

### 3.2 SUMÁRIO

A tradução é uma actividade que tem por objectivo transferir a mensagem duma LF para uma LA. Para que essa transferência seja efectiva, é importante que se proceda a uma tradução idiomática, comunicativa ou dinâmica por este tipo obrigar à utilização de formas naturais da LA.

O tradutor deve conhecer as línguas com que trabalha, as diferenças entre elas, a cultura que veiculam; esse conhecimento permite manter, em grande medida, a fidelidade entre a LA e a LF porque não se limita apenas à tradução dos aspectos linguísticos mas também à dos aspectos extralinguísticos, facilitando a operação de estratégias para comunicação de conceitos da língua de partida para língua de chegada, ao mesmo tempo que se evita a tradução literal. É igualmente importante o conhecimento da estrutura semântica e a maneira como a forma semântica estabelece a devida correspondência com a forma gramatical. Neste aspecto sabe-se que as línguas diferem bastante. Por isso, importa estudar e comparar a maneira como as componentes de significado são combinadas numa palavra, a maneira como as mesmas se explicitam ou implicam e, em que condições operam as estratégias de utilização de termos genéricos ou de termos específicos, de neologismos lexicais ou semânticas para se comunicar a mensagem da LF.

## CAPÍTULO III

### MÉTODOS DE PESQUISA

O objectivo deste capítulo é apresentar a metodologia aplicada para a recolha e tratamento dos dados, os inquéritos administrados para eliciação de informação, selecção de informantes e de informação científica sobre as duas línguas em estudo.

#### 1.1. Métodos de eliciação de informação

Antes de procedermos à selecção do "corpus", administramos um inquérito com o fim de obtermos dados pessoais e profissionais sobre os informantes.

As perguntas visavam, entre outras, informações sobre as habilitações literárias, nível de domínio da língua tsonga, portuguesa e outras, as maiores dificuldades e o tipo de tradução predominantes no trabalho do dia a dia.

Responderam a este inquérito dez (10) tradutores locutores da Rádio Moçambique e três (3) do Instituto de Comunicação social.

### 1.2. Teste de Retroversão

Para verificação da equivalência Tsonga > Português listamos os termos em língua tsonga e solicitamos, desta vez, não só aos informantes habituais mas também a três falantes de tsonga (L1) que traduzissem para português.

Com este teste pretendíamos ver se há ou não há correspondência dos conceitos centrais e adjacentes na passagem do tsonga para o português o que nos permitiria avaliar e generalizar as conclusões tiradas da análise.

### 1.3. Métodos de elicitação de dados

Os dados para esta pesquisa foram obtidos dos textos dos Noticiários da R.M., referentes ao período de Fevereiro a Maio de 1990, dos textos do programa "Aldeia Comunal" do I.C.S. do período compreendido entre Janeiro e Maio de 1990.

Dos textos recolhidos seleccionamos um corpus de quarenta (40) expressões referenciais que tivessem como base substantivos comuns, na LF.

Organizamos uma lista do "corpus", em português, a qual foi submetida aos tradutores da R.M. e do I.C.S. para nos fornecerem os equivalentes de tradução em língua tsonga.

#### 1.4. Recolha de informação sobre a língua portuguesa e a língua tsonga

Procedemos a um levantamento de bibliografia e trabalhos de pesquisa sobre a língua portuguesa e língua tsonga que nos ofereassem elementos úteis à análise dos dados. O resultado não foi muito encorajador dada a escassez de investigação ligada ao tema que pretendemos desenvolver.

##### 1.5.1. Resultados do inquérito

As respostas ao questionário revelaram-nos que:

a) Todos os locutores-tradutores têm como língua materna o tsonga à excepção de um que tem como L1 a língua chuabo;

b) O domínio da língua portuguesa é superior ao da língua tsonga;

c) As maiores dificuldades sentidas na actividade prática referem-se mais àqueles termos de carácter técnico que ultrapassam o nível da comunicação quotidiana em língua tsonga;

d) Todos não tiveram acesso a uma aprendizagem formal da língua tsonga; e

e) Duma maneira geral procedem à tradução frase por frase, ou seja, tradução literal adaptada.

### 1.5.2. Resultados da avaliação das propostas de tradução

As propostas de tradução do "Corpus" foram analisadas na base de que:

a) Parece haver um grupo de termos e expressões que, traduzidos do português para o tsonga, apresentam uma equivalência semântica ao nível do conceito central e exibem, também uma equivalência ao nível gramatical e lexical;

b) Parece haver um grupo de termos expressões que veiculam conceitos partilhados entre ambas as línguas, mas que não apresentam um equivalente exacto; e

c) Conceitos conhecidos numa das línguas mas desconhecidos noutra.

Para verificarmos estas hipóteses de trabalho e para podermos posteriormente analisar as propostas de tradução ao nível das estratégias de comunicação, tanto do termo de entrada como do equivalente, aplicámos a classificação C.E.A.R. - Coisas, Eventos, Atributos e Relações de acordo com Larson (1984). Este método parece-nos o mais adequado para o estudo da equivalência de significados entre as duas línguas, particularmente na identificação do conceito central e dos conceitos adjacentes às palavras e expressões.

#### 1.6. Avaliação do trabalho com os informantes

Hurford & Heasley, (1983:7) afirmam que o significado das palavras numa língua pode ser descrito como o domínio dos falantes competentes na língua pois são eles que devem constituir a fonte primária de informação sobre o significado. São, sem dúvida, os falantes nativos a melhor fonte para a recolha de informação sobre a língua, pois, é neles que encontramos o "uso actual" e são eles quem pode decidir melhor sobre o significado dos termos da língua.

Obtivemos informações preciosas, neste grupo, sobre a origem de vários termos e expressões da língua tsonga, constantes do "corpus", e com base nessas informações concluimos que:

Como várias outras línguas, o tsonga falado em Moçambique contém empréstimos, integrados através de diferentes processos linguísticos, provenientes de outras línguas Bantu, nomeadamente do Zulu, Nguni e outras, bem como do português, Inglês e Africanos; neologismos resultantes da necessidade de adequação do significado das palavras aos novos contextos em que a comunicação desenrola.

**CAPÍTULO IV**  
**ANÁLISE DE DADOS**

**1.1. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE TRADUÇÃO.**

O processo de tradução, definido como transferência do significado de uma LF para uma LA obriga os sujeitos a uma operação de escolha e aplicação de certo tipo de estratégias para comunicar uma mensagem. Aliás, como o observa Carl James<sup>1</sup> em quase todas as situações de comunicação está presente a aplicação de estratégias pois, os falantes procedem sempre a uma selecção de formas linguísticas que se adequem ao contexto e comuniquem melhor uma dada mensagem.

Neste Capítulo, vamos descrever e analisar a tradução proposta pelos informantes, as estratégias utilizadas e discutir se a tradução veicula efectivamente a mesma informação em relação à LF. A análise a que vamos proceder, centrar-se-à mais sobre o significado do que sobre forma. Os dados (1) a (31) serão agrupados com base na componente central da palavra ou expressão da LF e, de (32) a (40) serão agrupados com base na semelhança da construção do sintagma da LF.

**1.A. Termos cuja componente central é LUGAR**

Identificamos para este grupo três termos:

(1) CENTRO; (2) COMITÉ (3) CONTINENTE.

(1) é uma palavra cujo sentido primário é lugar importante e *tsindza*, o equivalente em *tsonga*, aceita também lugar importante como sentido primário.

---

<sup>1</sup> Carl James. (1990) Comunicação pessoal, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Porém os sentidos secundários, aqueles que comportam as componentes adjacentes à central, apresentam algumas divergências:

Ntsindza pode ocorrer em tsonga nos contextos:

C1. A tsindza wa huvu wa tlangano wa Matiku ya misava

(lit: A SEDE da Organização de reunião de Países do Mundo:  
A SEDE da organização das nações unidas)

C2. Ntsindza wa wudawo wa Magude

(lit: CENTRO de Cura de Magude: CENTRO de Saúde de Magude)

C3. Mbangu wa wudawo wa Alto Maé, a ntsindza wa Tiku

(lit: LUGAR de cura do Alto Maé na Capital do País:  
CENTRO de Saúde de Alto Maé na Capital do país)

C4. A ntsindza wa tiku dra Zâmbia

(lit: CAPITAL do País da Zâmbia: CAPITAL da terra da  
Zâmbia: CAPITAL da Zâmbia)

Em português, não só os contextos listados acima para o tsonga são aceites como equivalentes de CENTRO, mas também outros que envolvem os conceitos:

- ponto geométrico: O CENTRO do campo de jogos

- Importância/convergência:

O CENTRO de atenções do mundo está virado para a Libertação de Nelson Mandela.

Em relação a CENTRO = ntsindza podemos afirmar que há uma equivalência satisfatória das componentes, ainda que não exacta, pois a central e a maior parte das subjacentes coincidem. Formalmente temos correspondência no sentido português > tsonga, já que a uma palavra do Português corresponde uma palavra de tsonga.

Em termos de estratégia de tradução, consideramos como sendo uma operação quase nula pois, para aquelas componentes onde há divergência, a língua tsonga tem termos próprios, o que possibilita, em nossa opinião uma tradução dinâmica.

(2) COMITÉ - termo proveniente do francês que designa reunião de pessoas para debater e decidir sobre questões específicas.

Este termo é utilizado indiferentemente para exprimir LUGAR e REUNIAO como conceito central.

Existe, contudo um equivalente em Ronga, que parece ser um termo "perdido" na língua quotidiana, mas em recuperação na linguagem informativa da Rádio. Esse termo é *huvu* cujo grau diminutivo - *hubyana* - é funcionalmente equivalente a comissão (comité):

COMITÉ (Fr) - Reunião de pessoas encarregadas de discutir determinado assunto.

*Huvu* - lugar/instância onde os homens (nunca mulheres) debatem e deliberam sobre assuntos importantes.

Contextualizando, teríamos as seguintes ocorrências em tsonga:

C 1. *Hiya(a) macomité.*

(lit: Nós vamos comités: Vamos ao comité.)

como referência ao lugar onde se realizam reuniões de carácter político, e

C 2. *Mukhaneli hi timhaka muni a macomité, xana?*

(lit: Vocês falaram de assunto que nos comité?: Falaram de que assunto nos comité.)

Como referência ao próprio acto de participar numa reunião política.

(3) CONTINENTE: grande massa de terra circundada por águas oceânicas.

tiko: Terra, Região, País, pessoas que nela vivem, continente.

Tiko - Nkulu: Continente

(lit: Terra-grande)

CONTINENTE AFRICANO = tiko dra Afrika

REGIÃO-NORTE DO PAÍS =(ma)tiko dra (ya)Nwalungwini

(lit:terra(s) da zona norte)

O termo CONTINENTE é traduzível em língua tsonga como tiko; tiko-nkulu; xifundza, todos pertencentes ao mesmo campo de sentido. Xifundza significa, também, ILHA.

Analisando os diferentes significados que a tradução apresenta, vemos que entram muitas componentes de sentido que têm relação com CONTINENTE mas não são equivalentes à definição do termo em questão na língua portuguesa. Apenas o equivalente tiko-nkulu é exacto por corresponder à terminologia científica do conceito CONTINENTE, sendo uma expressão criada por necessidades de denominação científica<sup>2</sup>.

Na linguagem dos noticiários da RM, várias vezes ouvimos:

C 1. A Matiko ya xifundza xa Afrika matalhengeletana le Adis-Abeba

(lit: Terras da ILHA da Africa reunir-se-ao em Adis-Abeba:  
Terras da região da Africa reunir-se-as em Adis-Abeba:  
Terras do Continente da Africa reunir-se-ão em Adis-Abeba:  
Representantes de países africanos reunir-se-ao em Adis-Abeba.)

---

<sup>2</sup> Este termo consta do do dicionário tsonga-english no apêndice: "extracts of the tsonga language committee terminology," pp. 257-258, publicado pela Sasavona Publishers & Booksellers, Braamfontein, Transvaal, 1982.

C 2. A tiko dri kumeka kuxanisekeni hikola ka dandra...

(lit: A TERRA encontra-se em sofrimento devido à seca: A POPULAÇÃO encontra-se no sofrimento devido à seca...)

C 3. - A Matiko ya xifundza xa Afrika Austral...

(lit: Terras da REGIÃO da Africa Austral: Países da região Austral da Africa)

Estamos perante um termo que, em tsonga, é traduzível por vários outros:

a) CONTINENTE = tiko - O equivalente estabelece com o termo de entrada uma relação metonímica porque tiko é no sentido primário correspondente a PAÍS, NAÇÃO, partes de um CONTINENTE

b) CONTINENTE = xifundza - encontramos também, o mesmo tipo de relação de sentido: CONTINENTE = REGIÃO.

c) Internamente, na língua tsonga estabelece-se também uma relação de metonímica. tiko = xifundza: um País (tiko) pode ter várias regiões e tiku=população, as pessoas que nela vivem. Por outro lado, xifundza=ILHA equivale a CONTINENTE dadas as características comuns da descrição de ambas.

Esta interrelação de sentidos que as palavras do tsonga apresentam na solução do problema de tradução fazem entrever várias questões descrevíveis em termos de estratégias de tradução e de correspondência das formas da coisa nomeada.

Por vezes, razões de ordem formal obrigam à utilização de um ou outro termo equivalente de CONTINENTE para evitar repetições como em:

Matiku ya xifundza xa Afrika

(lit: terras da terra da Africa: terras da região da Africa)

em vez de Matiku ya tiku dra Africa.

( lit: terras da terra da Africa)

Podemos caracterizar a estratégia de tradução de CONTINENTE para tiku, xifundza, como a utilização alternada de termos específicos da LA para comunicar o conceito da LF.

#### 1.B. Termos cuja componente central é PESSOA

(4) BRIGADA; (5) DELEGADO; (6) REBELDE (7) PRESIDENTE EM EXERCÍCIO; (10) FIGURAS PROEMINENTES.

Os termos acima listados, exibem a componente central comum 'pessoa' e semânticamente pertencem à categoria de coisas.

#### (4) BRIGADA

Este termo, originariamente italiano, entrou na língua portuguesa através do francês "brigade", significando actualmente: grupo de pessoas que se deslocam a algum lugar com uma missão. É este o sentido que imediatamente apreendemos perante esta palavra, i.e., o seu significado é explícito, dá-nos o sentido das componentes nela envolvidas (Pessoas, missão).

A proposta de tradução para tsonga é ntlawa que apenas nos dá a componente central "grupo", ficando as restantes componentes implícitas, pelo menos ao nível da palavra isolada.

Não havendo um termo que transmita o significado de forma explícita como em português, a estratégia utilizada é a tradução por meio de um termo que veicula a componente central, com adição de um sintagma para clarificar ou precisar o significado. Trata-se, portanto de uma modificação descritiva.

Por vezes, os tradutores preferem utilizar a palavra portuguesa BRIGADA como neologismo lexical, integrando-a sem outro tipo de adaptação à LA, senão nas classes nominais:

C 1. Comité do Partido le Sofala, yi rhumeli mabrigada akuva ma yendrela ma distrito ya Machanga, a Buzi...

(lit: O Comité do Partido em Sofala, enviou BRIGADAS para visitas aos distritos de Machanga, em Buzi...)

Por vezes encontramos a palavra ntlawa como equivalente de outras que envolvem o conceito genérico de "grupo " mais outros conceitos adjacentes que lhe determinam o sentido

C2. A cidade de Juba encontra-se Cercada pelos guerrilheiros do MOVIMENTO REBELDE de John Garang.

A doropa la Juba hi leli li Rhandzeliweke hi

valwi va ntlawa wa John Garang.

(lit:A cidade de Juba é esta que está circundada por combatentes do GRUPO de John Garang.)

C 3. ... Brigadas da OMM em Cabo Delgado assistiram um número considerável de crianças em situação difícil...

Mintlawa ya vamamana va Província dza Cabo Delgado

yipfuni ntsengo wakutlakuka wa vatsongwana lava kumekaka

ka matsamela ya kukarhata...

(lit: GRUPOS DE MAES da província de Cabo Delgado ajudaram número elevado de crianças que encontram-se na situação de dificuldade:GRUPOS DE MULHERES da província de Cabo Delgado ajudaram um número elevado de crianças em situação difícil).

No exemplo C2 acima, a tradução viola o princípio da fidelidade pois a língua tsonga possui um termo equivalente a REBELDE -Mupfilunganyi- que é mais sugestivo e deixa transparecer a ideia de um grupo ou pessoa que cria confusão em relação a outro grupo, pessoa ou situação estabelecida e reconhecida.O termo ora proposto pode ser objecto da estratégia de evitação se considerarmos que o jornalista quer manter uma certa neutralidade que Mupfilunganyi não permite, porque a equivalência deste termo com REBELDE é estabelecida por meio de uma descrição explícita; ou pode ser uma estratégia de evitação por ignorância e, neste caso, ele utiliza ntlawa, um termo genérico, por não ter outro equivalente à disposição no seu repertório verbal.

Outra razão que pode ser apontada, é de ordem formal. A correspondência formal aponta 'Ntlawa' em vez de 'Mupfilunganyisi' como o equivalente mais próximo da componente "grupo de pessoas".

Mupfilunganyisi traduz-se mais como frase do que como substantivo enquanto que "Ntlawa" e "BRIGADA" são imediatamente classificáveis como substantivos, o que demonstra que, sempre que há possibilidade de escolha, o tradutor segue a forma mais aproximada à da LF.

Para a tradução ser mais fiel deve -se seleccionar a palavra da LA que explicita melhor as componentes da LF. Assim, C2 poderia ser reescrito em tsonga da seguinte maneira:

...Hi valwi va ntlawa wa mupfilunganyisi wa John Garang.

(lit: pelos lutadores do GRUPO DE FAZER CONFUSÃO de John Garang: por guerrilheiros do GRUPO REBELDE de Jonh Garang.)

Quer-nos parecer que 'ntlawa' e 'mupflunganyisi' no contexto C2 reescrito, entram numa relação de complementaridade precisando melhor, cada um, o significado do outro.

(5) DELEGADO - Pessoa que representa, aquele que é enviado

Murhumiwa - pessoa enviada para representar.

Mukombisi - pessoa que representa

Ntsuni - Anjo

Parece não haver problemas de equivalência lexical, nem semântica entre DELEGADO e os termos correspondentes em tsonga. Mas se o tsonga distingue entre duas palavras, o português amalgama em si o sentido do simples acto de representar e o acto e a qualidade de se ser enviado para representar. Neste caso é importante observar os contextos de ocorrência de DELEGADO e os contextos em que será necessário observar restrições de selecção para a utilização de Murhumiwa, de Mukombisi e de ntsuni.

O termo 'Murhumiwa' implica movimento da pessoa de um lugar ou instância para outro, enquanto que "Mukombisi" é um termo mais estático referindo-se mais à pessoa e à função de representar. A utilização de "ntsumi" parece-nos que se baseia numa estratégia de comparação da missão dos anjos-enviados de Deus à terra.

C 1. O Presidente da República recebeu hoje o ENVIADO do chefe do Estado Zimbabweano...

Murhangeli wa Tiko, namuntla a yamukeli Murhumiwa...

(lit: o que está a frente da terra hoje recebeu o ENVIADO do chefe de estado do Zimbabwe: O dirigente do país hoje recebeu o ENVIADO do chefe de estado de Zimbabwe.)

C2. Os DELEGADOS dos órgãos de informação ao Conselho consultivo alargado do Ministério da Informação...

Varhumiwa/vakombisi va swirho swa kuhaxa madrungula a nhlengeletanini ya Ministério da Informação...

(lit: ENVIADOS/REPRESENTANTES de órgãos de divulgar notícias na reunião do Ministério da informação.)

C3. O DELEGADO da Cruz vermelha da Cidade de Maputo.

Mukombisi wa Cruz vermelha dza Moçambique a doropeni dra ka Maputsu...

(lit: REPRESENTANTE da cruz vermelha de Moçambique, na cidade de Maputo.)

(6) REBELDE - Pessoa que se insurge contra certo estado de coisas.

Mupfilunganyisi - pessoa que cria confusão; que está contra a ordem vigente. Em termos de significado há coincidência de componentes e parece haver equivalência lexical.

O que se verifica é que, o termo é poucas vezes utilizado nos noticiários sendo geralmente substituído pelo termo que veicula o conceito genérico, a par com o contexto.

Raras vezes se faz referência a 'rebelde' (um só indivíduo) mas a grupos ou movimentos rebeldes. Assim, podemos adiantar que a estratégia normal na selecção da tradução para rebelde é a utilização do termo genérico-ntlawá-e sua adequação ao contexto por meios léxico-gramaticais que permitam a transferência do significado da palavra da LF para a LA ou a utilização de termos de sentido aproximado de acordo com o contexto.

C1. REBELDES eritreus, no Norte da Etiópia, anunciaram o afundamento de de três navios...

Vepfilungaysi va le Eritreia, a nwalungwini wa Etiópia...

(lit: REBELDES da Eritreia ao norte da Etiópia...)

C2. Falando num comício... El - Bashir disse que os REBELDES estavam interessados na destruição do País.

Mkama lowu a a vulavula ka nhlengeletanu yikulu ya xitsungu... El - Bashir awuli leswaku valwi a va navela ku hahlula tiko.

(lit: Quando estava a falar numa grande reunião popular... El-Bachir disse que os GUERRILHEIROS desejavam destruir o país .)

(7) PRESIDENTE EM EXERCÍCIO E (8) PRESIDENTE CESSANTE

Os conceitos veiculados pelas expressões não existem na tradição tsonga, mas a língua pode exprimi-los por meio de frase descritiva ou paráfrase. Na lógica da cultura um rei só cessa as suas funções com a morte.

A noção de mandato é algo estranho. Assim a tradução proposta corresponde àquela que é frequentemente usada nas emissões radiofónicas em tsonga:

Murhangeli/ presidente lweyi swoswi a gamaka...

(lit: DIRIGENTE/PRESIDENTE este que agora termina...)

Murhangeli/ Presidente lweyi swoswi a fumaka/a rhangelaka

(lit: Dirigente/presidente este que agora governa/está à frente.)

Há a considerar em ambas as expressões, o uso indiferente de PRESIDENTE como palavra emprestada do português na forma e no sentido.

C1. O Presidente da Cruz vermelha de Moçambique

Presidente/Murhangeli wa Cruz Vermelha de Moçambique.

Em que Presidente e Murhangeli são equivalentes enquanto referência a uma função e posto hierárquico dentro do organigrama da Cruz Vermelha, significando semânticamente 'aquele que está a frente'.

Mas em:

Presidente/Murhangeli wa Zimbabwe.

Parece haver uma divergência a nível cultural, pois, Presidente deve culturalmente equivaler a Hosi 'rei' na acepção de autoridade máxima de uma nação ou um País.

Parece que o termo emprestado não tem muita razão ser porque Presidente da República é equivalente a Hosi apesar da conotação de poder absoluto, feudal, etc. que apresenta poderá ser recuperado para a nova situação sócio-política, como neologismo semântico.

- "Presidente da Cruz Vermelha" pode ser traduzido para "Murhangeli" pois significa fundamentalmente 'aquele que está à frente' de qualquer organização em oposição a País ou nação, etc. Se aceitamos que os melhores equivalentes a considerar para PRESIDENTE são em tsonga, Hosi e/ou Murhangeli, temos de analisar as componentes de significado de cada palavra na base do contraste entre os conceitos envolvidos na LF e na LA:



	palavra	Comp. Central	componente subjacente	Função/Caracterização
port.	Presidente	pessoa	Homem/Mulher Adulto	dirige um País dirige uma organização dirige um acto
Tsonga	Murhangeli	pessoa	Homem/Mulher	dirige uma organização. dirige um acto
	Hosi	pessoa	Homem	Ser sobrenatural Humano c/poder sobrenatural dirige uma nação c/poder absoluto

Quadro 2

Da comparação e contraste podemos ver que a palavra portuguesa apresenta as mesmas componentes de "Murhangeli" em tsonga e para as diferentes acepções basta a contextualização e adição de palavra(s) ou sintagma(s) que precisem melhor o significado. Na análise componencial de Hosi encontramos componentes diferentes das de "Presidente" e "Murhangeli".

"Hosi" é uma unidade semântica com uma conotação fortemente tradicional. Contudo há aqui uma intersecção de componentes de sentido com relação à acção de dirigir e orientar que, por sua vez, se opõe ao "dirigir" do "Presidente" e do "Murhangeli". "Hosi" tem funções e características conceptualmente opostas a "Presidente" e "Murhangeli" o que poderá explicar a evitação do seu uso.

Como estratégia aplicada, podemos referir que operam dois tipos: A evitação e a utilização de neologismo semântico em Hosi e o neologismo lexical em presidente, palavra da língua fonte.

A estratégia de evitação é relativa ao facto de, havendo três palavras à escolha, o tradutor evitar uma, exactamente aquela que foi herdada da tradição cultural da comunidade em benefício do termo da língua-fonte.

Este facto é aparentemente contraditório, mas, é explicável à luz de vários condicionalismos impostos no País, i.e, à população e no período imediatamente pré e pós independência no tocante à atitude dos órgãos do poder perante a língua e outros valores culturais que esta veicula.

(9) FIGURAS PROEMINENTES- pessoas importantes; personalidades

Vanhu va lisima; vakulukumba.

grande, importante, o mais velho, adulto, ancião, conselheiro; o antepassado mais remoto a quem são dirigidas todas as preces de comunidade) divindade de personificação masculina, superior aos homens e à qual se atribui influência especial benéfica ou maléfica, nos destinos do universo.

C1. Vários chefes de estado e FIGURAS PROEMINENTES participam, hoje no Egipto no lançamento de um apelo

Varhangeli va matiku mangani, mangani, namuntla, vakumeke egipta nkama lowu ku paluxiwaka xikonbelo...

(lit: DIRIGENTES de terras algumas hoje encontram-se no Egipto na divulgação de um pedido: Dirigentes de alguns países encontram-se hoje no Egipto na divulgação de um pedido: Representante de país africanos encontram-se hoje no Egipto para a divulgação de um pedido.)

Na tradução, o nosso objecto de elicitación foi, simplesmente, evitado. É possível que este fenómeno seja a evidência de que os termos que em tsonga têm uma ligação muito forte com a tradição e valores culturais, de grande significância política e religiosa sejam objecto desta estratégia.

1.C. Termos cuja componente central é REUNIÃO/CONVERSAÇÃO

(10) CIMEIRA, (11) CONFERÊNCIA, (12) CONFERÊNCIA DE IMPRENSA, (13) ENTREVISTA (14) MESA REDONDA, (15) SEMINÁRIO

Vamos proceder à análise destas expressões com base nas diferenças das componentes secundárias que as individualizam dentro do mesmo campo semântico e verificando como as mesmas palavras se traduzem na língua tsonga onde originalmente, os conceitos parecem ser estranhos à excepção de (10)

Verifiquemos o sentido destas expressões na língua portuguesa e na proposta de equivalência para tsonga.

(10) CIMEIRA - Reunião dos Chefes de estado ou governos

Hlengelatana ya varhangeli/vapresidente vamifumo

(lit:Reunião dos que dirigem/dos presidentes de governos: Reunião de presidentes/chefes de governo)

(11) CONFERÊNCIA - Reunião de delegados para debater determinado assunto.

Hlengeletano kumbe ntlangano wa varhumiwa nava kongoneta kudokadokisana hi nhaka ya ku khari.

(lit: REUNIÃO ou ENCONTRO de delegados a apontarem ou debater um com outro sobre assunto algum: Reunião ou encontro de delegados com o objectivo de debater sobre um assunto específico.)

(12) CONFERÊNCIA DE IMPRENSA - Reunião com jornalistas para fornecer informação, opinião ou comentário sobre um tema.

kuxuxa ni vapaluxi/vehangalasi va mahungu.

(lit:Conversar com denunciadores /espalhadores /divulgadores de notícias: Conversação com divulgadores de notícias.)

(13) ENTREVISTA: Comentário ou opinião fornecida a entrevistadores para ser divulgado num jornal, revista, rádio ou televisão



Kunyikela Mahungu, kunbe kuxuxisana ni mupaluxi wa

mahungu.

(lit: Dar notícia ou conversar com o divulgador de notícias: Fornecer informação a divulgador de notícias.)

(14) MESA-REDONDA: Reunião de pessoas entendidas ou abalizadas para discutirem sobre certo assunto

Hlengeletano ya ntitivi ku dokadokisana hi mhaka yo khari.

(lit :Reunião de sábios para debaterem sobre assunto algum.)

(15) SEMINÁRIO: Grupo de estudo em que se debate a matéria exposta por cada um dos participantes.

Hlengeletano ya ku okadokisana hi mavonela ya vakumeki

(lit: Reunião de debate sobre opiniões dos participantes.)

Na passagem do português para o tsonga, parece haver coincidência da componente central, e das secundárias.

Observando o tipo de tradução proposta, é lógico que assim aconteça pois trata-se de decalque dos equivalentes parafraseados das expressões originais da LF e utilização de um termo que faz entrever uma adaptação cultural. De salientar que o tipo de adaptação a que nos referimos aqui seria uma tentativa de transferir os conceitos secundários, que exprimem os papéis semânticos, para o tsonga. Estamos a falar do verbo -xuxa, em (12) e (13), cujo sentido pelo dicionário é (i) visitar alguém com objectivo de conversar; (ii) discutir, analisando profundamente um determinado assunto (iii) ficar para conversar antes da hora de deitar (à noite). A utilização deste verbo nas traduções propostas reflecte o sentido de (ii).

A estratégia de tradução de presente de (10) a (14) é basicamente a utilização da frase descritiva na falta de equivalentes lexicais. Essas frases descritivas são o decalque da paráfrase do termo na língua portuguesa.

Quanto ao verbo -xuxa podemos caracterizar a sua utilização como "sub-estratégia", (na mesma frase) para solucionar a falta de equivalente satisfatório, usando-se um termo com significação funcionalmente similar.

1.D. Termos cujo Conceito Central é DESOBEDIÊNCIA

(16) VIOLADOR DE MULHERES, (17) VIOLADOR DE FRONTEIRAS, (18) VIOLADOR DE LEIS.

As expressões que em seguida vamos analisar dispensam, uma contextualização exaustiva pois é transparente o ponto problemático. Em todas elas ocorre a palavra VIOLADOR exibindo o mesmo conceito central, mas variando as componentes distintivas. A equivalência do português para o tsonga é a seguinte:

VIOLADOR : indivíduo que agride; que ofende com violência; que força; que transgride.

a) Munhu wa ku kala a nga landzi minawu.

(lit: Pessoa que não segue as leis: Pessoa que não cumpre as leis.)

b) Munhu lweyi a hoxelaka munwana

(lit: Pessoa que ofende outra.)

Nas três expressões, tanto a portuguesa como as duas do tsonga, a ideia de central é a de não - obediência a certos princípios.

Para (16) a proposta de tradução é:

Mudumeli wa vavasati

(lit: pessoa que agride/ofende mulheres) e

Muhoxeli wa vavasati

(lit: Pessoa que ofende mulheres)

Para (17) o equivalente proposto é:

Mufohli wa tindzelakani

(lit: Pessoa que atravessa espaços (de)limitados sem autorização: pessoa que atravessa fronteiras ilegalmente.)

(18) tem como proposta de tradução:

Mutluli wa minaw

(lit: pessoa que salta as leis: Pessoa que viola as leis: Pessoa que não cumpre leis.)

A palavra "violador" é polissémica em português, mas em tsonga para cada contexto existe um termo específico. Em português parece não haver restrições de colocação, mas em tsonga elas se impoem, criando para cada um dos três termos significações específicas dentro da área semântica de desobediência.

Assim, *kufohla* apenas se associa a palavras que tenham no seu significado a componente espaço como no exemplo violador de fronteira. Outro exemplo que pode evidenciar esta generalização é:

C.1. - Aviões de um certo País violaram o espaço aéreo...

Mavião ya tiku dra ku karhi mafohle mangena a ...

(lit: Avioes de certo pais violaram entrando em ...):

Aviões de ... entraram no País de ... violando o espaço aéreo)

*kufohla* é utilizado também no contexto seguinte:

C.2. A rapariga fugiu da casa paterna para se juntar ao namorado./ para ir viver com o namorado

. Nwanyana a fohlile.

Onde "kufohla" significa não obediência ao princípio social que estabelece a saída de uma rapariga da casa paterna só depois de celebrado o "casamento".

Pode-se concluir que, deste grupo de expressões, poucas são as dificuldades de tradução da L F > L A. O importante é a compreensão do contexto da LF para se seleccionar o termo equivalente em *tsonga*, para cada situação. O problema que se pode levantar é o da correspondência na direcção inversa LA > LF, pois internamente os termos poderão conter sentidos que contrastam com a palavra portuguesa.

Deste modo, a análise não se pode furtar à verificação dos sentidos primário e secundário para cada contexto.

O quadro a seguir demonstra que o tsonga tem termos equivalentes para cada acepção de VIOLADOR e distingue o uso primário do uso secundário em relação aos equivalentes propostos para a língua tsonga.

Portugues	tsonga Sig <sup>do</sup> primario	Sig <sup>do</sup> secund./figur.
violador	Mudumeli- Pessoa que agride outra; País, pessoa que invade dominios de outro país ou de outra pessoa	Homem que ofende sexualmente uma mulher
	Muhoxeli- Pessoa que ofende moralmente outra	Homem que ofende sexualmente uma mulher
	Mufohli- Pessoa que entra ou sai sem autorização de um espaço (delimitado)	Donzela que "foge" para a casa do noivo antes de celebrado o "casamento"
	Muthuli- Pessoa que salta, que ultrapassa	Pessoa que não obedece a leis, regras ou princípios

Quadro 3

1.E. Pares que estabelecem entre si uma relação de OPOSIÇÃO

(19) IMPORTAÇÃO/ (20) EXPORTAÇÃO

(21) EQUILÍBRIO/ (22) DESEQUILÍBRIO

(23) ESTABILIZAÇÃO/ (24) DESESTABILIZAÇÃO.

Os termos (19) e (20) formam pares que, estabelecem entre si uma relação de reciprocidade<sup>3</sup>, i.e., a relação que se verifica num sentido, deverá manter-se mesmo se os termos forem colocados na ordem inversa:

---

<sup>3</sup> Traduzido do inglês "converseness", Extraído de James R. Hurford & Brendan Husley, (1983): Semantics: a Coursebook, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 113-129.

C1. ... Empresas Moçambicanas passarão a EXPORTAR camarão para a Africa do Sul em troca de bens de consumo Africa do Sul IMPORTA camarão de Moçambique.

Moçambique EXPORTA camarão para Africa do Sul.

Africa do Sul EXPORTA bens de consumo para Moçambique.

Moçambique IMPORTA bens de consumo da Africa do Sul.

A Africa do Sul EXPORTA Bens de Consumo para Moçambique, é o mesmo que dizer: Moçambique IMPORTA bens de consumo da Africa do Sul.

Nos dois pares seguintes (21)/(22) e (23)/(24) a relação de oposição é a antonímia. Os pares são antónimos binários com uma fronteira de incompatibilidade<sup>1</sup> de aplicação dos predicados claramente delimitada: A utilização de um dos membros do par, exclui imediatamente a utilização do outro.

No processo de tradução estas relações devem ser observadas, pois poderão permitir a adopção de estratégias baseadas no uso do antónimo ou no uso de um ou de outro termo recíproco, desde que essas estratégias permitam a transferência da mensagem da LF para a LA. Os equivalentes propostos para tsonga foram:

(20) EXPORTAÇÃO

Kuxavisela matiku mambeni

(lit: VENDER PARA terras outras: VENDER A outros países.)

Da equivalência proposta, identificamos o conceito central nos pares como sendo VENDER/COMPRAR, o que mostra haver correspondência semântica, apesar de na LA o evento ser exprimido por meio de descrição.

---

<sup>1</sup> P.F. Strawson (1963): Introduction of Logical Theory. University Paperbacks, Methuen, London, pp. 5 -8

Em algumas propostas de tradução foi-nos apresentado um equivalente por substituição cultural:

Kuthekela

(lit: Deslocar-se para muito longe à procura de comida em tempo de fome: Importar: pedir.)

IMPORTAÇÃO pode equivaler tanto a Kuthekela como a kusingila embora originariamente, sejam termos apropriados para traduzir pedido de auxílio alimentar. A utilização das duas palavras seria uma estratégia de substituição cultural, ou neologismo semântico que representaria, também uma forma de recuperação de termos dos quais pouco se fala.

Os pares 21/22 e 23/24 são antónimos binários<sup>2</sup>, i. e, são termos que se apresentam em pares e, a utilização de um num enunciado, anula a possibilidade de aplicação de outro e, vice-versa. A noção central que os dois pares contêm é a de harmonia/firmeza ou não harmonia/não firmeza, fixação ou alteração de uma situação.

As propostas de equivalência são as seguintes:

(21) EQUILÍBRIO

?ndzinganiso; Kudzinganisa.

(lit: tornar igual: fazer equivaler)

(23) ESTABILIZAÇÃO

?ntsamiseko; Kutsamiseka; kutiyisa.

(lit: firmeza, bem estar, tornar firme, fixar)

1.F. Termos cuja componente central é DESENTENDIMENTO

(28) MOTIM; (29) CONFLITO (30) DOMINAÇÃO

(28) e (29) possuem componentes de sentido relacionadas, sendo comum aquela que encerra a ideia de desentendimento.

---

<sup>2</sup> James R. Rndford & Brendan Husley, op. cit., pp. 114 - 116.

Apesar de que termos relacionados por alguma componente podem ser, em muitos contextos, mutuamente substituíveis, entre MOTIM=dzolongá e CONFLITO=timholovo existe em tsonga, uma relação de implicação a qual deverá sempre ser tida em conta no momento de tradução, i. e., as formas traduzidas têm significados muito específicos apesar da proximidade dos conceitos e componentes de sentido envolvidos.

(28) MOTIM: Revolta, tumulto, levantamento, barulho.

Dzolongá: desentendimento, confusão, rebelião, distúrbios.

(29) CONFLITO: luta, briga, discussão, desordem.

Timholovo: zangas, discussões, distúrbios.

Timholovo pressupõe, para a maior parte dos nossos informantes um conflito, fisicamente observável, entre pelo menos duas partes opostas. Para esta análise tornar-se mais objectiva seria mais frutuoso proceder à análise de cada componente em cada contexto em que ocorra.

#### 1.G. termos analisados isoladamente

(30) DOMINAÇÃO: exercer autoridade sobre; impor-se.

Vukhozisi: submeter; ocupar; anexar; fazer sofrer.

Os conceitos envolvidos no significado literal nas duas línguas, permitem que os termos sejam mutuamente equivalentes na tradução senão vejamos os contextos a seguir.

C1 ... Nelson Mandela afirmou ser contra qualquer tipo de DOMINAÇÃO, seja branca ou negra...)

... Nelson Mandela avute leswaku a nga nyimeleli yukozisi la hlonge yihi na yihi.

(lit: Nelson Mandela disse que não defende a DOMINAÇÃO da cor seja qual for: Nelson Mandela disse não defender a dominação baseada na raça (cor da pele) seja qual for.)

C2 A Namíbia vai finalmente libertar-se da DOMINAÇÃO da África do Sul...

A tiko la Namibia li ta ntsuxiwa ka wukozisi la Africa do Sul.

(lit: A terra da Namibia vai ser libertada da DOMINAÇÃO da África do Sul.)

C3 ... Recorde-se que a Africa do Sul ANEXOOU o território da Namibia, desobedecendo a resoluções das Nações Unidas.

...A tiko la Afrika do Sul li khozisa vana va Namibia hi ku hambanisa minawu leyi minga bhohiwa hi huvu ya tlangano wa matiko.

(lit: A terra da Africa do sul ESCRAVIZA os filhos da Namibia não seguindo as leis que foram decididas pela organização das Nações Unidas).

(31) ECONOMIA: Ciência, relação entre as importações e exportações de um país.

vukosi: Riqueza, opulência.

Em tsonga parece não haver um termo que insira em si uma componente ligada ao conceito de economia de um País, economia de uma empresa, etc.

Recorre-se aqui a um termo relacionado: *vukosi*, um conceito complexo e plurissignificativo. Transmite-nos a ideia de riqueza, tanto moral como material, opulência e poder.

Não encontramos no termo traduzido nenhuma componente que sugira economia como uma ciência, como relação entre exportações e importações, etc. mas apenas conjunto de bens ou sinais que significam riqueza ou bem-estar.

A dificuldade de fazer equivaler este conceito nas duas línguas origina contextos que, analisados semânticamente parecem evidenciar o uso de um equivalente concreto da LA para um termo mais abstracto da LF:

C1. A ECONOMIA do País não pode desenvolver-se devido às acções de sabotagem e à guerra...

A vukosi dra tiko a dri hluvuki hi kola ka vuhoneteli ni nyimpi.

(lit: A RIQUEZA do País não se DESENVOLVE por causa da destruição e da guerra.)

Em relação a (26) encontramos, também a utilização do termo equivalente da LA na mesma relação de substituição: o termo abstracto da LF é substituído, ou melhor, é traduzido por um termo que exprime algo observável:

(26) DESENVOLVIMENTO é um evento cuja componente central exprime progresso, crescimento, aumento e na LA é traduzido por kuhluvuka e hluvuku com as mesmas componentes. Acontece, porém, que a coincidência das componentes semânticas não pode aqui ser tomada como sinónimo de equivalência exacta.

Se tomarmos em conta o amplo contexto informativo que envolve o "corpus" em estudo no seu total em português, parece mais fácil entender o termo nas suas diferentes acepções mas, o equivalente em tsonga transmite-nos mais a ideia do resultado imediatamente perceptível como crescimento (de uma planta); aumento (do nível de vida de uma pessoa).

Esta discussão obriga-nos a verificar a tradução na direcção português-tsonga, donde concluiremos que não é em todos os contextos linguísticos que DESENVOLVIMENTO é traduzível por *hluvuko* mas por termos que possuem, entre outras, a componente central destacada.

C1. DESENVOLVIMENTO do País

*kuhluvuka ka tiko*

(lit: O CRESCER da terra: O CRESCIMENTO do país: O desenvolvimento do país.)

C2. DESENVOLVIMENTO das relações entre os Países africanos.

*Kukula ka ntwanano wa matiku ya Africa.*

(lit: O crescer do entendimento dos Países africanos.)

C3... Na Zambézia está previsto um DESENVOLVIMENTO da produção industrial superior ao do ano passado...

*Le Zambézia kuni kudumba leswaku lembe lele a bindzu la matchapu litava li hundza makulele ya lembe linga hundza.*

(lit: Na Zambézia há confiança de que este ano, a produção das companhias há de ultrapassar a MANEIRA DE CRESCER do ano passado:na Zambézia prevê-se que este ano a produção das indústrias será superior ao RITMO/NÍVEL DE CRESCIMENTO do ano passado.)

Em C1 DESENVOLVIMENTO corresponde a *kuhluvuka*, sendo em ambas as línguas uma utilização do termo no sentido de crescer, aumentar.

Em C2 corresponde a ?nkulo e kukula (crescimento e crescer) no sentido quantitativo de aumento.

(25) CONSTITUIÇÃO: Lei fundamental

Wumbiwo; Nongonoko wa minawu ya tiko; tshinya ra minawu ya tiko.

Das três propostas de tradução de (25) as parafraseadas parecem mais compreensíveis pelo seu carácter descritivo. literalmente, cada uma das propostas tem o seguinte significado:

- Corpo ( de leis do País)
- Lista/sequência de leis do País
- Raiz das leis do País

Comparando as componentes de significado, é na terceira proposta onde encontramos uma correspondência com a forma portuguesa : tshinya=RAÍZ.

Tshinya aproxima-nos ao conceito central de constituição, levando-nos a aceitar e a entender mais facilmente o grau de importância desta listagem de leis-raiz, relativamente a um wumbiwo= corpo ou nongonoko=lista/sequência que se podem referir a muitas outras leis que não à lei fundamental do País.

Tomando como definitiva esta escolha, estar-se-á a proceder à tradução por comparação das funções de uma raiz com as da lei fundamental ou constituição de um País.

As expressões que iremos analisar daqui em diante exibem características comuns na LF:

- i) referir-se a noções abstractas
- ii) apresentar-se na forma de sintagmas nominais
- iii) exprimir semanticamente ou um estado, ou uma acção ou um acontecimento ou processo.

Consideramos que as expressões (32) a (40) são segmentos de enunciados que encerram em si uma proposição onde a cada elemento é atribuída uma propriedade e se estabelece uma relação entre os mesmos elementos. Estas expressões contêm em si pelo menos uma proposição, possível de ser interpretada pelos falantes como um evento, uma acção, um processo ou estado e realiza-se na língua como único sintagma ou simples predicacão<sup>3</sup>.

A análise das proposições implica que se identifique o tipo de estado de coisas que elas exprimem.

Poder-se-á estabelecer uma subdivisão em:

- i) Proposições que têm como núcleo um verbo ou um conceito verbal exprimindo um evento, um processo, ou uma acção, e
- ii) Proposições que têm como núcleo um verbo ou conceito verbal exprimindo um estado.

---

<sup>3</sup> Maria Helena M. Mateus et al. (1983): Gramática da Língua Portuguesa. Livraria Almedina, Coimbra, pp. 45 - 46

Para (i) identificamos (32), (33), (34), (35), (36), (37) e (39); e Para (ii) identificamos (38) e (40).

Uma breve verificação das propostas de tradução para (32) a (40) permite observar que, de um modo geral, não é possível uma correspondência das categorias que entram na construção dos sintagmas do português com as do tsonga. Se se forçar tal correspondência, o resultado será uma tradução literal que, na maior parte dos casos, não reproduz as relações de sentido da LF. A nossa análise é fundamentalmente semântica mas, por vezes temos de recorrer à análise da forma.

## 1.2. Descrição e análise das propostas de tradução de (32)

### a (40)

	E	R	C
(33)	Erradicação	do	apartheid
	Nome <sup>6</sup>	prep.	Nome

Reescrita semântica: "acabar com o sistema de apartheid"

E	E	C
(a) kuherisa	xihlawu-hlawu/apartheid	
infinitivo	nome	
nominal <sup>7</sup>		

(lit: fazer acabar escolhe-escolhe: fazer acabar discriminação.)

<sup>6</sup> Palavras como "erradicação" são verbos nominalizados. Apesar de semânticamente exprimirem acções ou acontecimentos ou processos, classificamo-los como nomes. Formas como "kuherisa" e "kusimeka" têm função nominal e equivalem na tradução para o português, a nomes abstractos.

<sup>7</sup> Anthony J. Vitale (1981): Swahili Syntax. Foris Publications, Dordrecht - Holland, pp. 10 - 12.

	E	R	E
b)	? Henriso	wa	xihlawu-hlawu
	Nome	part.	Nome

( lit: acabamentoo da separação.)

	E	R	C
(32)	INSTAURAÇÃO	DA	DEMOCRACIA
	Nome	Prep.	Nome

reescrita semântica: "fazer surgir um sistema em que todos governam."

	E	E	R	C
a)	kusimeka	mfumo	wa	hinkwavo/wa xitsungu.
	infinitivo	nome	part. pron.	nome
	nominal			

(lit: plantar governo de todos/do povo.)

	E	R	E	R	C
b)	? Nsimeko	wa	mfumo	wa	hinkwavo/xitsungu.
	Nome	part.	Nome	part.	pron/do povo.

(lit: colocação de governo de todos/povo.)

Em português-LF (32) e (33) apresentam a mesma estrutura semântica e gramatical. Na versão traduzida, a categoria semântica (R) não está expressa em (32)b) e (33)b).

Os nomes abstractos INSTAURAÇÃO e ERRADICAÇÃO são convertidos em verbos, criando-se, deste modo, uma correspondência entre a forma semântica e a forma gramatical na LA.

Este tipo de nomes é morfologicamente complexo e contém dois morfemas:

Erradicar + ção, onde erradicar - é a base ou radical verbal e -ção, sufixo e nominalizador.

O mesmo tipo de decomposição pode ser aplicado a PRODUÇÃO, COOPERAÇÃO em (35) e (34) respectivamente. Em termos tradicionais considera-se que ERRADICAÇÃO e INSTAURAÇÃO representam, cada uma, uma única unidade sintáctica e estão relacionados com os verbos erradicar e instaurar, respectivamente. O seu significado nos sintagmas como "erradicação do apartheid" e noutros similares, tem força verbal.<sup>8</sup>

Os substantivos abstractos da língua portuguesa com a estrutura Radical + sufixo > Radical verbal + ção, encontram em tsonga termos equivalentes, mas a sua utilização em frases ou sintagmas não é natural, prestando-se apenas a traduções literais. Vejam-se as traduções b) de (32) e (33). Elas poderão ser compreensíveis, mas são de certo modo incongruentes por privilegiarem a sequência e a forma da LF, o que resulta num "falseamento" das relações de significado entre as unidades das proposições envolvidas.

Na LA, a relação de significado entre INSTAURAÇÃO e DEMOCRACIA, ERRADICAÇÃO e APARTHEID, é objectiva e estabelece-se por meio da preposição de.

O decalque dos sintagmas na tradução, apresenta uma partícula restritiva wa a qual cria uma relação de tipo genitivo entre as unidades que liga.

---

<sup>8</sup> P.H. Matthews (1974): Morphology: An Introduction the Theory of Word-Structure: Cambridge text books in Linguistics, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 174.

A não aceitabilidade das versões b) acima referidas, dever-se-á ao facto de wa impor restrições formais ao contexto linguístico em que ocorre, com implicações ao nível semântico.

A equivalência é melhor atingida nas traduções (32) a) e (33) a) pois, recorre-se a processos morfo-sintácticos mais naturais da LA. A informação expressa em português por de é representada, em tsonga, por recurso à aplicação de extensões verbais como é o caso de (33). a) onde a extensão causativa -ISA, adicionada ao radical -HER- tem a mesma função da preposição DE na LF.

A análise do significado das unidades e das relações entre elas para se pôr a descoberto o conteúdo proposicional, pode mostrar até que ponto a diferença de construção implica, em muitos casos, uma diferença de significados.<sup>9</sup> Na verificação da tradução em reverso, i.e., tsonga>português, alguns dos nossos informantes garantiram que a utilização das formas nominais abstractas antes discutidas criam, ao ouvido, a impressão de que nsimeko e Henriso são pessoas ou coisas com qualidade ou propriedade (no sentido de posse) de democracia e apartheid, respectivamente.

---

<sup>9</sup> P.H. Matthews (1978): Syntax. Cambridge Text Books in Linguistics, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 3 - 4.

Alguns problemas de tradução de (32) e (33) poderiam, talvez ser solucionado através da descoberta das relações entre as duas unidades do que pela identificação do significado individual.

"A restrição que em português se exprime pela preposição de, ligando dois substantivos e indicando restrição ou posse<sup>10</sup>, exprime-se em tsonga pela preposição a combinada com o prefixo nominal do substantivo que indica a coisa possuída. As relações e circunstâncias que em português se indicam quase sempre por meio de preposição são expressas em tsonga por recurso à aplicação de morfemas de extensão do radical, os quais têm uma função predominantemente semântica que afecta o significado do verbo."<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> A preposição de em português, exprime muitas outras relações para além destas.

<sup>11</sup> Padre Armando Ribeiro (1965): Gramática Shangana. Editorial Evangelizar, Caniçado, pp. 137.

E  
(34) COOPERAÇÃO  
nome

C  
REGIONAL  
nome

reescrita semântica: "pessoas trabalham umas com as outras numa região."

E R C R C  
(a) Kuthirisana hi xinyimo xa xifundza.  
infinitivo loc.prep. nome  
nominal

(lit: Habitantes de uma região trabalham umas com as outras dentro dos limites dessa região: trabalhar um com outro ao nível de uma região.)

E R C  
b) ? Ntirhisano wa xifundza.  
nome part. nome

(lit: cooperação da região.)

E C  
(35) PRODUÇÃO INDUSTRIAL  
nome nome

E R C  
Bindzu dra Matchapu  
nome part. nome

(lit: Resultado da produção das fábricas: produção proveniente das fábricas: produção das fábricas.)

(34) e (35) São diferentemente traduzidas para a LA. A divergência que se observa, na passagem do português para o tsonga, poderá ser resultado das relações que se estabelecem entre as unidades semânticas, as quais não se exprimem com os mesmos recursos formais nas duas línguas.

As relações de significado entre os elementos de (34) são de caracterização do lugar onde se realiza o trabalho entre os habitantes.

Uma parte importante da informação que no processo de tradução deve ser bem identificada e transferida correctamente, está amalgamada na palavra regional, que constitui o comentário sendo o tópico a palavra COOPERAÇÃO.

Assim é que as palavras REGIONAL e INDUSTRIAL nos sintagmas não devem ser vistas só como adjectivos, com as funções próprias desta classe de palavras, mas na totalidade das relações de significado com o tópico.<sup>12</sup>

O conteúdo da proposição de (34) como sendo 'pessoas trabalham conjuntamente na região' e em (35) 'resultado do trabalho das indústrias'.

Em COOPERAÇÃO está explícita a ideia de trabalhar conjuntamente, mas implícita a ideia das pessoas que realizam tal acção. A forma REGIONAL explícita a noção de lugar através do sufixo -al adicionado à base região-, e no conjunto, restringe o lugar onde se realiza a acção em oposição a outros níveis como, por exemplo nacional, internacional, etc;

Uma análise deste tipo permite uma tradução mais fiel contrariamente à que resultaria do simples decalque das categorias gramaticais como seria a proposta (34)b). Nesta última não se teve em atenção a relação entre os termos do sintagma e não se procedeu à análise proposicional correcta.

---

<sup>12</sup> As noções de tópico e comentário são aqui usadas na perspectiva de Gillian Brown & George Yule (1983).

A tradução a) é mais fiel ao conteúdo proposicional do sintagma da LF e explicita todas as informações convertendo os eventos em formas verbais e, porque se torna necessário, lexicalizando o significado do sufixo da forma adjectiva regional, através da locução *hi xinyimu xa*, (literalmente, ao nível de.)

A tradução b) converte a proposição de evento da LF, numa proposição de estado. Por vezes, temos de considerar a divergência semântica, na análise, um sinal de alguma incorrecção da tradução, se nos recordarmos que os traços semânticos são universais.

Relativamente a (35) temos uma proposta de tradução natural, sem sinais de decalqué da LF. O termo que marca o evento, *bindzu*, é um nome derivado do verbo, a partícula *dra* indica a relação de proveniência e o nome *Matchapu* a fonte.

Anteriormente, tivemos necessidade de converter as formas nominais abstractas em formas verbais, na LA, para obtermos uma equivalência satisfatória. Mas neste caso, segundo os nossos informantes, o substantivo abstracto é perfeitamente aplicável à sequência (35).

Podemos daqui adiantar conclusões de que há substantivos abstractos que em *tsonga* se associam a outro abstracto ou não, relacionando-se por meio de uma partícula desde que a proposição expressa seja de estado e as unidades semânticas exprimam coisas.

Bindzu é um nominal abstracto que significa resultado de kubindzula (produzir), matchapu(fábricas) que indica lugar de proveniência ou de processamento. Ambas as palavras relacionadas pela partícula dra.

Podemos ainda verificar que termos que exprimem conceitos conhecidos na língua, com referente visível são susceptíveis de serem lexicalizados por meio de substantivos abstractos e associados a outros elementos na formação de sequências semelhantes a (35).

Em (32) e (33) tiramos uma conclusão que diverge desta, talvez porque os nomes em causa são de um nível diferente de abstracção.<sup>13</sup>

E	R	E
(36) PROGRAMA	DE	EMERGENCIA
nome	prep.	nome

Reescrita semântica: "Organizar actividades com o objectivo de resolver uma situação crítica."

E	R	E	E
ntirho	wo	tsutsumela	kombo
nome	part.	verbo	nome

(lit: trabalho para socorrer pessoas em má sorte: trabalho para socorrer pessoas em situação crítica.)

---

<sup>13</sup> Maria Helena M. Mateus op. cit. pp: 70 - 71 divide os nominais em concretos e abstractos. Neste último tipo, observa que os nominais ocupam posições numa escala concreto - abstracto e, como é possível encarar quaisquer objectos como nomeáveis, os nominais podem designar uma gama de entidades cuja consideração (ou construção) envolve do ponto de vista cognitivo, diferentes graus de abstracção e complexidade conceptual.

E            R            E  
 (37) PROGRAMA DE REABILITAÇÃO  
           nome            prep.            nome

Reescrita semântica: Organizar actividades com o objectivo de recuperar."

E            R            E  
 ntirho    wo    pfuxa  
           nome    part.    verbo

(lit: trabalho para levantar: trabalho de recuperar.)

(36) e (37) contêm proposições que indicam um processo. A relação predominante entre as unidades semânticas é de finalidade expressa em português pela preposição DE e em tsonga pela expressão conjuncional wo - contracção da locução wa ku. Para além da expressão wo a extensão verbal benefativa em tsutsumela tem uma função semântica restritiva que opera sobre o verbo -tsutsuma (literalmente, correr).

E  
 ┌───────────────────┐  
                           E            C  
 (38)            C            R            DE            TRANSMISSÃO            SEXUAL  
                   nome            prep.            nome            nome

Reescrita semântica: "doenças que são contraídas por meio do contacto sexual."

a) Mavabyi ya ku makuma masangwini/tinkukwini.

(lit: doenças que se encontram nas esteiras: doenças contraídas nas esteiras: doenças contraídas do contacto sexual."

E  
 b) ntungu  
           nome

(lit: Epidemia: doença epidémica)

c) D.T.S.: Doenças de Transmissão Sexual.

Para a tradução de (38) recorre-se em a) à linguagem figurada pois, os conceitos em jogo fazem parte de um conjunto que a comunidade considera, de certo modo, tabu.

Observa-se, que a tradução a) recorre à utilização de termos com significado recíproco. Em português, focaliza-se a via de transmissão, enquanto que em tsonga se focaliza o lugar da contracção, i.e., o lugar (subentendendo-se o modo) onde normalmente se realizam os contactos sexuais entre um homem e uma mulher -masangwini, onde ma- é morfema do plural -sangu- o radical 'esteira' e -ini- morfema de lugar.

A noção de transmissão que é o foco em português não foi considerada em tsonga. Este aspecto não é relevante se considerarmos que é normal que certos aspectos explícitos na LF sejam tomados implícitamente na LA e vice-versa.

A proposta b) tem características duma tradução livre. O conceito predominante em ntungu é o de doença epidémica. Ela focaliza a ideia de transmissão, o que em a) não se observa. Se o contexto não o clarificar, não teremos caracterizado o tipo e a via de transmissão/ contracção da doença.

	E	C
(39)	CALAMIDADES	NATURAIS
	nome	nome

Reescrita semântica: "desgraça/desastre provocado pela natureza."

E	R	C
ngozi	ya	ntumbuluku
nome	part.	nome

(lit: desastre da natureza)

(40)           C                   C  
 RECURSOS       NATURAIS  
           nome                   nome

a)           C           R           C  
 vukosi     dra     ntumbuluku  
           nome     part.     nome

(lit: riquezas que existem na natureza.)

b)           C           R           C  
 pfindla    dra     ntumbuluku  
           nome     part.     nome

(lit: herança legada pela natureza)

(39) e (40) podem ser traduzidos literalmente para tsonga. Contudo, ao nível semântico profundo, há diferenças de carácter cultural que criam divergências nos conceitos. A concepção de natureza, como entidade, situa-se em universos diferentes e, conseqüentemente, os referentes serão variáveis na passagem da LF para a LA.

RECURSOS NATURAIS tem, para os nossos informantes, os seguintes significados:

Coisas, bens que existem por si sós no mundo; coisas, bens cuja existência não se deve à acção humana.

Em tsonga vukosi dra ntumbuluku é mais complexo de se lhe determinar o conteúdo porque ntumbuluku é tido como uma entidade que, por vontade ou capricho próprio, faz acontecer fenómenos, benéficos ou não, e o homem tem apenas que os aceitar.

Deve ser por isso que RECURSOS é traduzido por pfindla - herança legada por essa entidade superior - ntumbuluku - e vukosi, que, em condições normais seria resultado de algum esforço humano e não uma dívida natural.

Na construção do sintagma em português estabelece-se uma relação adjectiva, que opõe o tipo de recursos a quaisquer outros, caracterizando o substantivo, mas implicitando a proveniência. Em tsonga a relação de proveniência é explicitada pela preposição dra que, ao mesmo tempo, restringe a posse ou proveniência de *pfindla* ou *vukosi*: Não é propriedade do Homem, nem resultado de alguma acção sua, não existe por acaso no mundo, mas porque a natureza assim o ditou.

(39) e (40) envolvem, de acordo com as propostas de tradução e a análise já feita, o mesmo tipo de problemas formais e conceptuais. Mas é preciso notar que (40) permite uma tradução mais neutra, i.e, que não transporta o significado mítico-religioso que se pressupõe existir em *ntumbuluku*. Tal proposta (nossa e não dos informantes) é:

*Vukosi/pfindla dra misava*

(lit: riqueza/herança da terra: riqueza herança legada pela natureza.)

*Misava* pode ser interpretada como terra = planeta ou terra = solo/subsolo em oposição a atmosfera ou outras camadas. Este seria, em nossa opinião, o melhor equivalente para recursos naturais, se concordarmos que as riquezas existem no solo e no subsolo do planeta terra.

### 1.3. SUMÁRIO

A descrição e análise que acabamos de fazer neste capítulo tinha como objectivo, estudar a transferência de sentido da língua portuguesa para a língua tsonga. Verificamos que são muito poucos os casos em que há uma comunhão total das componentes de significado e, mesmo nos casos em que parece haver, os termos ou expressões propostos como equivalentes apresentam uma divergência na maneira como a língua tsonga explicita ou implícita as componentes de sentido.

É normal que onde a língua tsonga apresente um equivalente de tradução com as componentes de sentido explícitas, a língua portuguesa as apresente de maneira implícita, e vice-versa.

Perante conceitos ou situações desconhecidas a tendência na LA, é traduzir a paráfrase do termo ou expressão da LF, ora introduzindo neologismos semânticos onde os conceitos se assemelham com algum conceito já conhecido na LA, ora descrevendo a forma e a função, quando a coisa ou acontecimento referidos não encontram na LA um termo exacto. Ou ainda utilizando termos marcadamente culturais.

Para casos de polissemia na LF, deparamo-nos com a possibilidade de utilização de termos específicos da LA como equivalentes de cada uma das acepções do termo na LF.

A análise das expressões de (32) a (40) foi feita na base de que cada uma encerra uma proposição (mais de uma em alguns casos), cujo conteúdo proposicional deve ser destacado na LF para permitir a tradução na LA.

Cada uma das expressões compõe-se de um tópico e de um comentário que se relacionam entre si, permitindo a classificação do estado de coisas, da acção do acontecimento ou do processo.

## CAPITULO V

### CONCLUSÃO

#### 1.1. CONCLUSÕES GERAIS

Terminada a análise dos dados, podemos concluir que o processo de tradução exige não só o domínio das línguas envolvidas, mas também o conhecimento da cultura de ambas, confirmando que os factores extra-linguísticos devem ser tidos em consideração no estudo e na prática da tradução.

Os problemas de tradução descritos no Cap. IV, permitem afirmar que os tradutores enfrentam dificuldades decorrentes do desconhecimento das técnicas a aplicar no processo da transferência dos significados da LF para a LA. Estas dificuldades têm a ver com o domínio relativamente fraco das duas línguas.

O domínio da língua portuguesa pode ser avaliado pelo sentido transferido para LA nas traduções (32)b e (33)b onde o sentido original foi adulterado pela não observância das relações de sentido. Se o texto foi compreendido na LA, a tendência comum seria a de procurar formas de expressão que veiculem a ideia da LF. O decalque das formas da LF para a LA prova haver um conhecimento dos paradigmas, tanto do português como do tsonga, mas revela um fraco domínio das regras de associação e das restrições que se impõem na LA. A tradução literal, resultante do decalque, é um indicador de que o grau de domínio de regras do português é relativamente superior ao do tsonga.

## 1.2. SOBRE AS ESTRATÉGIAS APLICADAS NA TRADUÇÃO

James<sup>1</sup> observa que a tradução literal é um tipo de substituição lexical que conduz a uma tradução pobre.

Nós concordamos com ele e pensamos que deve ser evitada porque são raras as circunstâncias em que ela é comunicativa. Quando se tem que seleccionar equivalentes do tsonga para o português, apresentaram-se-nos, ao longo da análise, as seguintes estratégias:

### a) Utilização de Neologismos

#### Neologismos lexicais

A utilização de palavras e expressões emprestadas de outras línguas, nas emissões radiofónicas em língua tsonga pode, em muitos casos, ser evitada com a operação de estratégias na tradução.

A incorporação total das palavras do português na forma e no sentido, parece, na maior parte das ocorrências, uma questão de comodidade pois existem na lista de propostas de tradução equivalentes aproximados. Veja-se no anexo, as propostas (1); (2); (5); (37); etc.

---

<sup>1</sup> Carl James (1987): " Perspectives on Language Transfer & Translation. " Comunicação do 3º Congresso Nacional dos Tradutores Brasileiros, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, pp. 3.

De todos os casos em que nos foram apresentadas propostas de tradução por meio de neologismos lexicais, apenas um nos pareceu aceitável pois, a língua tsonga não possui na sua origem nem o conceito nem o termo. Trata-se de (35) produção Industrial onde INDÚSTRIA é traduzido por Matchapu, termo proveniente do afrikaans, significando literalmente FÁBRICAS.

Note-se que o termo em (35) foi sujeito às regras morfo-  
- sintácticas e fonológicas do tsonga.

#### b) Neologismos semânticos

O neologismo semântico representa a recuperação de uma palavra da língua Alvo (tsonga) em contextos onde entre esta e a LF há uma comunhão parcial de conceitos ou das componentes de significado. Esta estratégia opera na base da comparação da forma, função, etc. entre os referentes da cultura da LA e os da LF. Esta estratégia está patente em (2) Hubyana; (5) ntsumi; (19) kusingila; (17) vafohli; ( ) kuxuxa, entre outros.

Há casos em que, diferentemente dos exemplos anteriores, a equivalência não é baseada na comparação.

Procede-se à substituição de termos da língua fonte por termos marcadamente culturais da LA, para os quais uma correspondência na direcção Tsonga>Português é difícil de estabelecer por exigir um tipo de pesquisa que ultrapassa a linguística. São ilustrativas as traduções de Personalidades Proeminentes vakulukumba (9); ntumbuluku em (39) e (40), CALAMIDADES NATURAIS e RECURSOS NATURAIS, respectivamente.

### 1.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A EQUIVALÊNCIA LEXICAL E SEMÂNTICA

Por equivalência lexical exacta, entendemos casos em que a uma palavra da LF corresponde outra da LA. Sabe-se também que a equivalência lexical exacta não é possível de se atingir porque as línguas possuem processos de lexicalização diferentes e variados.

Semânticamente, importa que a componente central seja a mesma na passagem da LF para a LA e que as adjacentes sejam recuperadas pelo contexto, se elas não couberem na forma da LA. Dos dados tratados concluímos que:

a) São raros os termos da LF que coincidem com os da LA na totalidade das componentes envolvidas. Estes termos são representativos de conceitos partilhados entre as duas línguas e encontram nomeação por meio de forma correspondente, i. e., a uma palavra da LA equivale uma palavra da LF.

Exemplos (01) CENTRO = NTSINDZA; (16) VIOLADOR DE MULHERES = mudumeli wa vavasati; (26) DESENVOLVIMENTO = nhtuvuku : kuhluvuka

b) Existe um grupo de palavras e expressões representando conceitos partilhados que coincidem na componente central, mas divergem na implicitação ou explicitação das componentes adjacentes.

Exemplos: (22) DESEQUILÍBRIO = kutsekatksekisa; (28) MONTIM = dzolonga; (29) CONFLITO = timholovo; (31) ECONOMIA = vukosi.

c) Há conceitos conhecidos em ambas as línguas mas sem equivalência lexical, exigindo uma tradução que consiste em decalcar a paráfrase do termo da língua fonte na forma descritiva quer da forma ou da função, quer de outras características da coisa ou situação em referência.

Exemplos: (06) REBELDE = mupfilunganyisi; (10) CIMEIRA = hlengeletano ya vapresidente/varhangele va matiko/minfumu (14) MESA REDONDA = kudokadokisana hi...

d) Há conceitos desconhecidos na língua tsonga que exigem, na tradução, o mesmo tipo de procedimento indicado em (c), e/ou uma adaptação cultural se houver um ponto de semelhança com algum conceito da LA.

Exemplos: (02) COMITÉ = hubyana; (07) PRESIDENTE EM EXERCÍCIO = presidente/ murhangeli lweyi swoswi a fumaka/hosi leyi yi fumaka; (15) SEMINÁRIO = hlengeletano ya kudokadokisana hi mavonela ya vakumeki; (19) IMPORTAÇÃO = kuxava a matikweni, kuthekela; (25) CONSTITUIÇÃO = tsinya ra minawu ya tiku.

#### 1.4. Sobre a utilização de nomes abstractos

Os nomes abstractos que foram objecto de descrição no capítulo anterior constam de dicionários publicados na Africa do Sul, sendo comuns na linguagem radiofónica deste país. Os nossos informantes consideram essas formas não aceitáveis, não no uso geral da língua mas, naquilo que julgam ser o uso natural da maior parte dos falantes nos limites das nossas fronteiras.

Esta afirmação pode não ser muito correcta, mas uma observação atenta evidencia o facto de que do lado da Africa do Sul, os substantivos abstractos são utilizados com mais frequência e mais naturalidade em relação aos falantes moçambicanos, talvez porque:

a) Na Africa do Sul a língua tsonga é objecto e veiculo de ensino, o que pode permitir e facilitar o uso natural de nomes abstractos;

b) Sendo língua curricular, oferece aos falantes/aprendentes a capacidade de expressão de noções abstractas por meio de formas gramaticais correspondentes e imediatamente reconhecíveis por outras pessoas do meio.

Ora, as condições em que a língua tsonga se desenvolve em Moçambique são totalmente diferentes. Alguns dos nossos tradutores buscam, muitas vezes, o modelo de língua "mais correcto" nos dicionários, manuais e emissões radiofónicas da Africa do Sul, acabando por produzir um discurso formalmente estranho ao seu grupo alvo, na tentativa de aproximar a forma e o conteúdo da LF à LA.

## 2.1 RECOMENDAÇÕES E SUGESTÕES

O trabalho que acabamos de apresentar tem um carácter introdutório. Sendo assim, muitos dos aspectos levantados carecem do devido aprofundamento, sendo pontenciais casos de estudo para as diferentes áreas da linguística.

Qualquer pesquisa na área da tradução é necessariamente um empreendimento interdisciplinar, por isso, recomendamos que estudos futuros se apoiem nas contribuições que a sociologia e a antropologia podem dar para um estudo mais completo que implique uma comparação entre a língua portuguesa e outras línguas de Moçambique, na perspectiva de que " translation is all about communication<sup>2</sup> .

Gostaríamos de sugerir que futuras pesquisas da mesma natureza, contemplassem o processo de tradução de forma mais abrangente, i.e., tanto ao nível da produção como ao nível da recepção e, que se estudasse a problemática da tradução ao nível do texto e não apenas de termos e expressões problemáticos.

Julgamos que seria de extrema importância uma pesquisa ao nível dos dialectos, pois o que se verifica na prática é que os tradutores não utilizam a mesma variante. Será que esta questão é relevante no processo de tradução do português para tsonga ou para outra língua moçambicana? Seria muito interessante estudar com profundidade a questão da equivalência dos nomes abstractos na tradução do português para o tsonga porque nos parece que neste ponto deve haver muitos aspectos semânticos e formais que importa esclarecer cientificamente.

---

<sup>2</sup> Carl James (1986): " Three uses for Translation in Foreign Language Teaching". Department of Linguistics, University College of North Wales, Bangor, p.3.

Nos órgãos de comunicação do nosso país, a tradução é feita por indivíduos que não foram sujeitos a nenhuma formação específica para tal e não dispõem de meios auxiliares de trabalho.

Na medida do possível, estes profissionais de informação deveriam ser submetidos a cursos básicos de tradução, aperfeiçoamento na língua portuguesa e tsonga e, os sectores dotados de uma bibliografia mínima com dicionários e gramáticas de Português, Tsonga e outras línguas.

A N E X O I

FICHA DE INQUERITO

1. NOME-----

IDADE-----

PROFISSAO-----

LOCAL DE TRABALHO-----

2. QUAIS AS LINGUAS QUE FALA E GRAU DE DOMINIO:

a)-----[ ] Muito bom [ ] bom [ ] razoável

b)-----[ ] Muito bom [ ] bom [ ] razoável

c)-----[ ] Muito bom [ ] bom [ ] razoável

d)-----[ ] Muito bom [ ] bom [ ] razoável

e)-----[ ] Muito bom [ ] bom [ ] razoável

3. Qual é a sua língua materna?-----

4. Em que circunstâncias fala e/ou escreve a sua língua materna?

[ ] Meio familiar [ ] No trabalho

Outras circunstâncias-----

5. Estudou formalmente a sua língua materna? [ ] Sim [ ] Não

6. Se é tradutor que tipo de tradução costuma fazer?

a) Tradução pelo sentido [ ] Sim [ ] Não

b) Tradução frase por frase [ ] Sim [ ] Não

c) Tradução palavra por palavra [ ] Sim [ ] Não

7. Quais são, em geral, as dificuldades com que se defronta ao traduzir textos?

Indique-as por ordem crescente:

-----  
-----  
-----

8. Se é locutor que problemas encontra ao ler um texto traduzido por outra pessoa?-----

-----  
-----  
-----

b) Que tipo de observação pode fazer aos seus colegas?-----

-----  
-----  
-----

9. Faça uma breve autoavaliação das suas traduções.-----

-----  
-----  
-----  
-----  
-----

ANEXO II  
Resumo do Inquérito

INFORMANTES	IDADE	LINGUA MATERNA	GRAU DE DOMINIO	OUTRAS LINGUAS	GRAU DE DOMINIO	TIPO DE TRADUCAO	A. L. MATERNA
GUIDIONE MATSINHE	54	CHUABO	BOM	RONGA PORTUGUES FRANCES INGLES	BOM MUITO BOM BOM BOM	FRASE POR FRASE	NATURAL
IVONE SABAO	36	SHANGANA	RAZOAVEL	PORTUGUES	BOM	FRASE POR FRASE	NATURAL
DIAMANTINO MAZUZE	30	SHANGANA	RAZOAVEL	PORTUGUES	BOM	FRASE POR FRASE	NATURAL
PEDRO MONDLANE	34	SHANGANA	RAZOAVEL	PORTUGUES	BOM	FRASE POR FRASE E P/SENTIDO	NATURAL
ALMEIDA MAGAIA	40	RONGA	BOM	PORTUGUES	RAZOAVEL	PELO SENTIDO	NATURAL
INACIO GUVANDE	42	RONGA	BOM	PORTUGUES	MUITO BOM	PELO SENTIDO	NATURAL
ILDA ESTEVAO	48	RONGA	BOM	PORTUGUES	MUITO BOM	FRASE POR FRASE	NATURAL
PAULO MANHIQUE	35	SHANGANA	BOM	PORTUGUES INGLES FRANCES	MUITO BOM RAZOAVEL RAZOAVEL	FRASE POR FRASE	NATURAL
CLARETE MAGAIA	49	RONGA	BOM	PORTUGUES	MUITO BOM	FRASE POR FRASE	NATURAL
NUNES TIMBA	38	RONGA	RAZOAVEL	PORTUGUES FRANCES INGLES	MUITO BOM BOM RAZOAVEL	PELO SENTIDO	NATURAL
JORGE DJEDJE	22	SHANGANA	RAZOAVEL	PORTUGUES INGLES INGLES FRANCES	BOM RAZOAVEL RAZOAVEL RAZOAVEL	FRASE POR FRASE	NATURAL
SAMUEL MACUACUA	24	SHANGANA	RAZOAVEL	PORTUGUES	BOM	FRASE POR FRASE	NATURAL
VITORIA COSSA	28	SHANGANA	RAZOAVEL	PORTUGUES INGLES	BOM RAZOAVEL	FRASE POR FRASE	NATURAL

ANEXO III  
PROPOSTAS DE TRADUÇÃO

N.	Portugues lingua fonte (LF)	Conceito central	Classificacao	Classificacao	Isonga - lingua alvo (LA)	Conceito	Classificacao	Classificacao
01	Centro	Lugar	Coisa	Nome	Ntsindza, mbangu, centro	Lugar	Coisa	Nome
02	Comite	reuniao lugar	Coisa	nome	Comite, Hubyana	lugar instancia	Coisa	nome
03	Continente	lugar	coisa	nome	Tiko; tiko-nkulo, xifundza	lugar	coisa	nome
04	Brigada	peessoa	coisa	nome	Ntlawa	peessoa	coisa	nome
05	Delegado	peessoa	coisa	nome	Murhumiwa; ntsumi, mukombisi delegado	peessoa	coisa	nome
06	Rebelde	peessoa	coisa	nome	Mupfilunganyisi, valwi	peessoa	coisa	nome
07	Presidente em exercicio	peessoa	coisa; evento	SN	presidente lweyi swoswi a fambisaka; afumaka; a rhangelaka	peessoa	coisa	frase
08	Presidente cessante	peessoa	coisa	SN	Presidente; murhangeli lweyi swoswi afambisaka afumaka	peessoa	coisa; evento	frase
09	Figura proeminentes	peessoa	coisa	SN	vanu valisima; Nkulunkumba	peessoa	coisa	SN
10	Cimeira	reuniao	evento	nome	Nhengeletano ya varha- ngeli; vapesidente va matiko; minfumo	reuniao	evento	SN
11	Conferencia	reuniao	evento	nome	Nhengeletano; confere- ncia	reuniao	evento	nome
12	Conferencia de imprensa	reuniao	evento	SN	Kuxuxa ni vapaluxi; va- hangalasi va mahungu	conversacao	evento	frase

Continuacao

N.	Portugues lingua fonte (LF)	Conceito central	Classificacao	Tsonga lingua alvo (LA)	Conceito	Classificacao	Classificao
13	Entrevista	reuniao conversacao	evento	Kuxuxa ni mupaluxi wa mahungu; kunyiketa mahungu	conversacao	evento	frase
16	Violadores de mulheres	desobediencia	coisa	vadumeli; vahoxeti vava- sati	desobediencia	coisa	SN
17	Violadores de fronteiras	desobediencia	coisa	vafohli va ti ndzelakani; madarada, vatluli	desobediencia	coisa	SN
18	Violadores de leis	desobediencia	coisa	vatluli va minawu	desobediencia	coisa	SN
19	Importacao	comprara	evento	Kuxava ematikwene; kuthe- kela; kusingila	comprar; podir;	evento	frase; verbo
20	Exportacao	vender	evento	kuxavisela matiku mambeni	vender; trocar	evento	frase
21	Equilibrio	tornar igual	evento	Ndzinganiso; kudzinganisa	tornar igual	evento	Nome; verbo
22	Desequilibrio	Alteracao	evento	Vutsekatekisa Kutekatsekisa	abandar; agitar	evento	Nome; verbo
23	Estabilizacao	fixar	evento	ntsamiseko; kutšamiseka kutyiyisa	harmonia; firmeza	evento	Nome; verbo
24	Desestabilizacao	alterar	evento	vutsekatekisi; kutseka- tseka	abandar; agitar	evento	Nome; verbo
25	Constituicao	Lei	coisa	Nongonoko wa minawu; tsinya dza minawu yatiku	lei	coisa	SN
26	Desenvolvimento	crescimento	evento	nluvuku; kukula	melhorar; crescer	evento	Nome; verbo
27	Sabotagem	destruir	evento	kuhonetela ha vomu	destruir	evento	frase
28	Motim	desentendimento	evento	dzolonga	desentendimento	evento	Nome
29	Conflito	desentendimento	evento	timolovo	desentendimento	evento	Nome
30	Dominacao	submeter	evento	vukhozisi; kukhozisa	fazer sofrer	evento	Nome; verbo

Continuacao

N.	Portugues (lingua fonte (LF))	Conceito central	Classificacao	Classificacao	Tsonga - (lingua alvo (LA))	Conceito	Classificacao	Classificacao
31	Economia	bens	coisa	Nome	vukosi	riqueza	coisa	Nome
32	Instauracao da democracia	colocar	evento	SN	Kusimeka nfumo wa hin-	plantar; colocar	evento	frase
33	Erradicacao do apartheid	acabar com	evento	SN	kuherisa xihlawu-hlawu;	acabar com	evento	frase
34	Cooperacao regional	trabalhar	evento	SN	ntirisano wa xifundza;	trabalhar	evento	SN; frase
35	Producao industrial	resultado de	evento	SN	Bindzu dza matchapu	lucro	coisa	SN
36	Programa de emergencia	salvar	evento	SN	ntirho wo tsutsumela	socorrer	evento	frase
37	Programa de reabilitacao	recuperar	evento	SN	ntirho wo pfuxa; progra- ma de reabilitacao	recuperar	evento	SN
38	Doencas de transmissao sexual	Doenca	evento	SN	ntungu; mavabyi ya kumakuma	Doenca	coisa	frase; nome
39	Calamidades naturais	destruir	coisa	SN	ngozi ya ntumbuluku	perigo	evento	SN
40	Recursos naturais	riqueza	coisa	SN	vukosi dra ntumbuluku	riqueza	coisa	SN

A N E X O IV

T S O N G A	Sua proposta de tradução para Português
1. Ntlawa .....	Grupo; Ajuntamento de pessoas ou coisas
2. Ntsindza .....	Sede; Centro
3. Huvu .....	Assembleia; Corte; Reunião
4. Hubyana .....	Reunião com poucos participantes
5. Xifundza .....	Zona localidade
6. TIKU .....	Terra; Nação; Estado
7. Ntirisano .....	Cooperação; Trabalho colectivo
8. Murhumiwa .....	Arauto; mandatário; mensageiro
9. Vutsekatsékisi .....	Fazer abanar; agitar
10. Ku xavisela .....	Acto de vender algo a outrem
11. Vukosi .....	Riquesa(s); Posse(s)
12. Dzolongá .....	Desentendimento
13. Mupfilunganisí .....	Agitador; confusionista
14. Timholova .....	Desentendimentos; zaragatas; confusão; discussão
15. Vukhozisi .....	Acto de submeter alguém ou grupo de pessoas por outra etnia
16. Mzinganiso .....	Medida; padrão; comparação
17. Ntsamiseko .....	Bem estar (usa-se pouco)
18. Nhlengeletano ya va rangeli va minfumo .	Reunião de chefes de governos, cimeira de chefes de estados
19. Nongonoko wa milawu ya tiku .....	Lista de leis; rol de leis; regulamentos
20. Ku xavisela vambe .....	Acto de vender
21. Ku xava ka vambe .....	Acto de comprar; de aquisição de bens ou de serviços de outrém
22. Ku honetela ha vomu .....	Estragar; deturpar algo intencionalmente
23. Ku xuxa ni va paluxi va mahungu .....	Conversar, trocar ideias com profissionais da informação
24. Ku sibeka nfunu wa hinkwavu .....	Instalação do governo; governo popular ou poder
25. Ntirho wo pfuxa .....	Trabalho de recuperação; reabilitação; restauração
26. Ntirho wo tsutsumela Khombó .....	Trabalho de socorro
27. Ntungu .....	Epidemia; moda

A N E X O IV

T S O N G A	Sua proposta de tradução para português
28. Presidente lweyi swoswi a fumaka/a fam-bisaka ..... 29. Vanu va lisima ..... 30. Vakulukumba ..... 31. Bindzu ra matchapu ..... 32. Ngozi ya ntumbuluku ..... 33. Ku dokadokisana hi ..... 34. Kutiyisa.....	Presidente em exercício Indivíduos; Pessoas respeitáveis. Anciãos; pessoas respeitáveis produção das fábricas calamidade natural; Dialogar; debater; discutir a cerca de; sobre Garantir; afirmar; autenticar; fixar

## BIBLIOGRAFIA

- Barnweel, Katharine (1979): A Tradução Bíblica. S.I.L., Brasília.
- Beekman, John & Callow, John (1974): Translating the Word of God. Grands Rapids, MI: Zondervan.
- Brown, Gillian & Yule, George (1983): Discourse Analysis. Cambridge Textbooks in Linguistics, Cambridge, University Press, Cambridge.
- Catford, J. C. (1965): A Linguistic Theory of Translation. Oxford University Press, London.
- Comissão Nacional do Plano (1981): Relatório do I Recenseamento Geral da População, Maputo.
- Corder, S. Pit (1984): "Strategies of Communication." In Fäerch, Claus & Kasper, Gabrielle (Editors) (1984) pp. 15-19.
- Cuenod, R. (1982): Tsonga-English Dictionary. Sasavona Publishers & Booksellers, Braamfontein, Transvaal.
- Cuenod, R. (1982): English-Tsonga, Tsonga-English Pocket Dictionary. Sasavona Publishers & Booksellers, Braamfontein, Transvaal.
- Cunha, Celso & Citra, Lindley (1985): Nova Gramática do Português Contemporâneo. Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- Fäerch, Claus & Kasper, Gabrielle (Editors) (1984): Strategies in Interlanguage Communication. Applied Linguistics and Language Study, Longman Inc., New York.
- Ferreira, Aurélio B. da Hollanda (1972): Novo Dicionário Aurélio. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, Brasil.
- Headland, Thomas N. (1982): "Some Communication Problems in Translation". In Notes on Translation, No. 88, pp. 25-28.
- Hurford, James & Heasley, Brendan (1983): Semantics: A Course Book. Cambridge University Press, Cambridge.

- James, Carl (1980): Contrastive Analysis. Applied Linguistics and Language Study, Longman Series, England.
- James, Carl (1986): "Three uses for Translation in Foreign Language Teaching". Department of Linguistics, Universidade of North Wales, Bangor, 13 pgs.
- James, Carl (1987): "Perspectives on Language Transfer & Translation". Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 5 pgs.
- Junod, H. A. (1896): Grammaire Ronga. Imprimerie George Bridel,
- Klein, Wolfgang (1986): Second Language Acquisition. Cambridge Textbooks in Linguistics, Cambridge University Press, Cambridge.
- Kleinman, H.H. (1978): "The Strategie of Avoidance in Adult Second Language Acquisition". In Ritchie (Editors), (1978) Academic Press, New York, pp. 157 - 174.
- Ladmiral, Jean-Réné (1980); A Tradução e os seus Problemas. Edições 70, Lisboa.
- Ladmiral, Jean-Réné (1978): Traduzir: Teoremas para a Tradução. Publicações Europa-América, Lisboa.
- Larson, Mildred M. (1984): Meaning-Based Translation: A Guide to Cross Language Equivalence. University Press of America Inc. & Summer Institute of Linguistics, USA & U.K..
- Leech, Geoffrey N. (1974): Semantics. Penguin Books, England.
- Lopes, Armando J. P. (1986): Interlingual Discourse Transfer: Mozambican-Portuguese to English. Ph. D. Dissertation (Unpublished), University of Wales, U.K..
- Lyons, John (1977): Semantics. Cambridge University Press, Cambridge.

- Marinis, Hélène (1982): " Língua, Poder e Desenvolvimento". NELIMO, U.E.M, Maputo, 8 pgs.
- Mateus, Maria Helena M.et al. (1983): Gramática da Língua Portuguesa. Livraria Almeida, Coimbra.
- Matthews, P.H. (1978): Syntax. Cambridge Textbooks in linguistics, Cambridge University Press, Cambridge.
- Matthews, P.H. (1974): Morphology : An Introduction to the Theory of Word - Structure. Cambridge Textbooks in Linguistics, Cambridge University Press, Cambridge.
- Mounin, Georges (1963): Les Problèmes Theoriques de la Traduction. Bibliothèques des Idées, Editions Gallimard, France.
- Mounin, Georges (1976): Linguistique et Traduction. Dessard & Mardaga, Bruxelles.
- NELIMO (1989): Relatório do I Seminário sobre a Padrorizacao da Ortografia das Línguas Moçambicanas. NELIMO & INDE, Maputo.
- Ngunga, A. S.A (1991): " O Papel das Línguas Moçambicanas nos Meios de Comunicação Social." Comunicação ao Seminário Internacional sobre Comunicação para o Desenvolvimento, Ministério da informação , Maputo.
- Nida, Eugene (1970): " Formal Correspondence in Translation." In The Bible Translator, nº21, pp.111 - 125.
- Nida, Eugene (1964): " Linguistics and Ethnology in Translation Problems." In Hymes, D. (Editor), Harper & Row, New York, pp 99-100.
- O'Malley, J.Michael (1990): Learning strategies in second Language Acquisition. The Cambridge Applied Linguistics Series, Cambridge.
- Ottis, Willis (1982): "On Using Borrowed Words in Our Translations. Notes on Translation, No. 88, 18-25, SIL, USA.